



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PAULA CÉLIA DA SILVA

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO SUPORTE PARA
INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E
AFRICANA NO ENSINO FUNDAMENTAL I - RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2015**

PAULA CÉLIA DA SILVA

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO SUPORTE PARA
INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E
AFRICANA NO ENSINO FUNDAMENTAL I A SALA DE AULA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno

**CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO /2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586I Silva, Paula Célia da

A literatura infanto-juvenil como suporte para inserção da história e cultura afrobrasileira e africana no ensino fundamental I - Relato de uma experiência [manuscrito] / Paula Celia da Silva. - 2015.

34 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno, Departamento de Educação".

1. Literatura Infanto-Juvenil 2. Cultura Afro-brasileira 3. História Afro-brasileira 4. Lei 10.639/03 I. Título.

21. ed. CDD 808.068

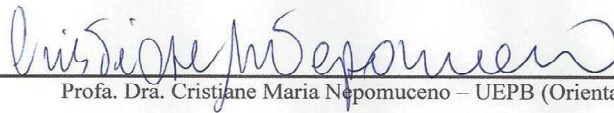
PAULA CÉLIA DA SILVA

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO SUPORTE PARA
INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E
AFRICANA NO ENSINO FUNDAMENTAL I A SALA DE AULA:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em __15__ de dezembro de 2015

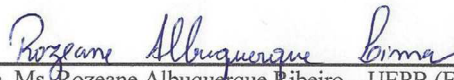
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno – UEPB (Orientadora)



Profª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB (Examinadora)



Profª. Ms. Rozeane Albuquerque Ribeiro – UEPB (Examinadora)

DEDICATÓRIA

Esse trabalho eu dedico primeiramente a Deus, pois sem ele eu não teria forças para ter chegado ao final dessa longa jornada. Dedico também, a minha orientadora pela sua paciência e dedicação. E aos meus professores e amigas/os que contribuíram direto ou indiretamente, que me ajudaram na conclusão desse trabalho. Muito obrigada a todos (as).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido concluir esse trabalho que foi muito importante para minha carreira profissional. Agradeço também a minha orientadora, por me conduzir no caminho correto durante a realização desse trabalho.

Também quero agradecer a todos/as professores que tive o privilégio de tê-los durante os quatro anos que passei na graduação. A todos eles (as) que contribuíram direto ou indiretamente para que eu tivesse chegado até aqui. A minha família, tanto a biológica, quanto a de coração. Quero também agradecer a escola, por ter me permitido realizar a pesquisa para o meu TCC; a professora que ministrava as aulas, como também os alunos do 4^a ano B, por terem me recebido de braços abertos, e aceitaram participar da aplicação do projeto, fazendo todas as atividades que eram proporcionadas a eles.

Agradeço as minhas amigas, aquelas que estiveram comigo durante quatro anos do curso. Como também aquelas que não estudaram na universidade, mas sempre me apoiaram com palavras de incentivo. Principalmente, Daniely, Emanuela e Acácia que tanto estiveram durante o processo de ensino aprendizagem na graduação. Dedico um carinho especial a minha amiga e irmã Acácia por todos os momentos que precisei de um conselho ou orientação, Enfim, só tenho que agradecer a todos.

EPIGRAFE

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a discutir o uso da literatura infanto-juvenil como recurso para implementação dos conteúdos de História e Cultura Afrobrasileira e Africana no Ensino Fundamental numa perspectiva de valorização, a partir da realização de um “Projeto de Intervenção Pedagógica” em uma turma do 4º Ano de uma escola da rede municipal de ensino em campina Grande-PB, foram desenvolvidas um conjunto de atividades voltadas para o reconhecimento e o respeito ao negro e a sua participação na formação da sociedade brasileira. O Projeto objetiva buscar estratégias metodológicas para trabalhar o conteúdo de História e Cultura Afrobrasileira e Africana numa perspectiva de valorização viabilizando a desconstrução de estereótipos e práticas de preconceito racial. Para orientar o desenvolvimento do Projeto realizamos uma pesquisa de base bibliográfica e documental que nos forneceu os instrumentos ou parâmetros para estruturarmos a atividades da Intervenção Pedagógica. A escolha do referencial bibliográfico se deu por teóricos que fornecesse, além das informações de caráter teórico sobre o tema estudado, orientações para prática na sala de aula e ao mesmo tempo permitisse a aquisição de parâmetros para realização da análise dos resultados observados, tais como: Cavalcanti (2002), Penteado e Garrido (2010), Faria (2010), Rêgo e Sampaio (2011), Silva e Hermida, Calábria (2009), Freire (1997). Também foram lidos uma série de documentos nacionais a exemplo da Constituição Brasileira de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96); a Lei Federal 10.639/03; a Resolução Nº 1 de 17 de junho de 2004; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNs.) 2004; Parecer CNE/CP 3/2004; e a Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais de 2006, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais Ensino de História Cultura Afrobrasileira e Africana 2009, Regulamentação do Estado da Paraíba e a Resolução do Município de Campina Grande ambas de 2010, PCNs vol.10 Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, PCNs vol.2 Língua Portuguesa. É um trabalho de grande relevância, visto que pretendemos mostrar como as crianças, a partir do uso de um conteúdo voltado para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, conheçam a enorme contribuição e a importância da cultura dos africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira, além de valorizar a imensa diversidade, desconstruindo relações baseadas em estereótipos, discriminações e preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-Juvenil. História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Lei 10.639/03.

ABSTRACT

This Work Completion of course is to discuss the use of children's literature as a resource for implementation of the History of content and Afro-Brazilian culture and African in Elementary Education in a valuation perspective, from the realization of a "Pedagogical Intervention Project" in a class of 4th year of a school municipal schools in Grande-PB meadow, they were developed a set of activities focused on the recognition and respect for the black and their participation in the formation of Brazilian society. The Project aims to seek methodological strategies to work the contents of History and Afro-Brazilian and African culture in a valuation perspective enabling the deconstruction of stereotypes and racial profiling practices. To guide the development of the Project conducted a bibliographic and documentary research base that provided us with the tools and parameters to structure the activities of Educational Intervention. The choice of the bibliographic reference is given by theorists to provide, in addition to theoretical background information on the subject studied, practice for guidance in the classroom and at the same time allow the acquisition parameters to perform the analysis of the observed results such as: Cavalcanti (2002) Penteadó and Garrido (2010), Faria (2010), Régó and Sampaio (2011), Silva and Hermida, Calabria (2009), Freire (1997). They were also read a number of national documents such as the 1988 Brazilian Constitution; the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB / 96); Federal Law 10,639 / 03; Resolution No. 1 of June 17, 2004; the National Curriculum Guidelines for Racial-Ethnic Education and the teaching of History and Afro-Brazilian Culture and African (DCNs.) 2004; CNE / CP 3/2004; and Guidelines and Actions for Education of Racial-Ethnic Relations 2006 National Implementation Plan of the National Curriculum Guidelines for Education of Étnicorraciais Relations History teaching Afro-Brazilian Culture and African 2009 State Regulation of Paraíba and the municipality's resolution of Campina Grande both 2010, vol.10 PCNs Cultural Plurality and Sexual Orientation, PCNs vol.2 Portuguese Language. It is a very important job, as we intend to show how children from the use of a focused content for teaching History and Afro-Brazilian Culture and African, know the enormous contribution and importance of the culture of Africans and their descendants in training Brazilian society, and appreciate the immense diversity, deconstructing relationships based on stereotypes, discriminations and prejudices.

KEYWORDS: Children and Youth Literature. History and Afro-Brazilian and African culture. Law 10.639 / 03.

LISTA DAS FIGURAS

FIGURA 01: TEXTO “OS DIREITOS DA CRIANÇA”

34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - EDUCANDO PARA A IGUALDADE ETNICORRACIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A BASE LEGAL	13
CAPÍTULO II - A LITERATURA NA SALA DE AULA: USOS E POSSIBILIDADES	17
CAPÍTULO III - CAMINHOS PARA INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA NA SALA DE AULA: A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA	21
3.1- Conhecendo o lócus da Pesquisa	22
CAPÍTULO IV - A EXECUÇÃO DO PROJETO	26
4.1 A turma	28
4.2 - O Projeto: “A valorização da identidade negra”	30
4.3 - O que é possível dizer do que vivenciamos	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAS	49
APÊNDICES	51

INTRODUÇÃO

“Por trabalhar com a diversidade humana, comporta uma ampliação de horizontes para o professor e para o aluno, uma abertura para a consciência de que a realidade em que vivem é apenas parte de um mundo complexo, fascinante e desafiador, na qual o elemento universal subjacente e definidor das relações intersociais e interpessoais deve ser a Ética.”

**PCNs Pluralidade Cultural – Vol. 10.
Brasil (1998)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a discutir o uso dos textos literário como recurso para implementação dos conteúdos de História e Cultura Afrobrasileira e Africana no Ensino Fundamental numa perspectiva de valorização. A partir da realização de “Projeto de Intervenção Pedagógica”, desenvolvido com base em um conjunto de atividades voltadas para o reconhecimento e o respeito ao negro e a sua participação na formação da sociedade brasileira, procuramos contornar um dos maiores desafios enfrentados no processo de implementação da Lei 10.639/03: a adoção de estratégias metodológicas que facilitem o trabalho de um conteúdo que esteve ausente dos currículos escolares.

Desse modo, quando optamos por desenvolver um projeto de intervenção pedagógica com uma turma do Ensino Fundamental I estávamos atendendo a duas demandas: o cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o desenvolvimento de metodologias para trabalhar conteúdo de História e Cultura Afrobrasileira e Africana na Educação Básica nos anos iniciais a fim de viabilizar a proposta de Educação Etnicorracial.

Para orientar o desenvolvimento do Projeto realizamos uma pesquisa de base bibliográfica e documental que nos forneceu os instrumentos ou parâmetros para estruturarmos a atividades da Intervenção Pedagógica. A escolha do referencial bibliográfico se deu por teóricos que fornecessem, além das informações de caráter teórico sobre o tema estudado, orientações para prática na sala de aula e ao mesmo tempo permitisse a aquisição de parâmetros para realização da análise dos resultados observados. Estamos nos referindo aos seguintes estudiosos: Cavalcanti (2002), Pentead e Garrido (2010), Faria (2010), Rêgo e Sampaio (2011), Silva e Hermida, Calábria (2009), Freire (1997). Também foram lidos uma série de documentos nacionais, a exemplo da *Constituição Brasileira de 1988*; a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96)*; a *Lei Federal 10.639/03*; a Resolução Nº 1 de 17 de junho de 2004; as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-*

Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNs.) 2004; Parecer CNE/CP 3/2004; e a *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais* de 2006, *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais Ensino de História Cultura Afrobrasileira e Africana* 2009, Regulamentação do Estado da Paraíba e a Resolução do Município de Campina Grande ambas de 2010, PCNs vol.10 *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*, PCNs vol.2 Língua Portuguesa.

A escolha do tema da diversidade etnicorracial deu-se principalmente, em decorrência da participação em uma pesquisa iniciada em 2010 sobre a implementação da Lei 10.639/2003 nas escolas da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB. Outro aspecto que motivou o estudo do tema, além da necessidade de ampliar o conhecimento em torno do assunto e também poder contribuir com as mudanças de posturas em relação a participação do negro na formação da sociedade brasileira.

A opção pela prática de “Intervenção Pedagógica” se deu também influenciada pelas constatações do “Estágio de Observação” quando percebemos a dificuldade de leitura, interpretação e compreensão dos textos lidos pelos alunos. Então, resolvemos unir o conhecimento adquirido no curso e no grupo de pesquisa para ajudar no desenvolvimento da habilidade de leitura da turma selecionada, ao mesmo tempo em que introduzíamos o conteúdo da educação etnicorracial. Desse modo, a intervenção também é uma forma de adequar o conhecimento à realidade colocando o “aluno-interventor” no campo, permitindo ao mesmo melhorar e aperfeiçoar a sua a prática. Nesse caso pode ser classificada como uma pesquisa do tipo “Estudo de Caso”, já que nos possibilita conhecer uma dada realidade de forma aprofundada.

Para apresentar os resultados desse estudo, dividimos esse trabalho em quatro itens, a saber: no primeiro item, discutimos um pouco sobre a proposta de Educação Etnicorracial a partir da leitura de vários documentos, dentre eles: a Lei 10.639/03, as Diretrizes, Parâmetros e Orientações Curriculares; no segundo item tratamos de forma breve acerca da importância da Literatura Infanto-Juvenil e o papel que pode assumir no processo de formação da criança; em seguida, divididos no terceiro e quarto item a proposta de Intervenção Pedagógica, a metodologia, o contexto da realização do projeto, os encontros realizados e os resultados da observação das atividades desenvolvidas, sobre como as crianças se comportaram. Por fim, fechamos com uma análise dos resultados alcançados.

É um trabalho relevante visto pretender mostrar como as crianças, a partir do uso de um conteúdo voltado para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, conheçam

a contribuição e a importância da cultura dos africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira, além de valorizar a imensa diversidade, desconstruindo relações baseadas em estereótipos, discriminações e preconceitos.

A ideia é revelar que o trabalho com educação etnicorracial através da Literatura Infante-Juvenil ajudará as crianças a reconhecerem a diferença de cada etnia, proporcionando um aprendizado mais significativo, além de estabelecer uma aproximação com o outro, bem como um resgate histórico da nossa própria cultura.

1. EDUCANDO PARA A IGUALDADE ETNICORRACIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A BASE LEGAL

“Trabalhar a educação das relações étnico-raciais na educação infantil deveria acontecer por força de leis e documentos? (...) [A maioria dos educadores] não percebeu, ainda, que é necessário incluir na sua proposta curricular temas relativos às relações étnico-raciais – a história, a cultura afrobrasileira e a cultura africana. Elas ainda estão presas a um currículo que desconsidera a produção do conhecimento por diferentes grupos. Por isso, as leis ajudam, mas não são elas que instituem as mudanças nas práticas dos educadores.”

Lucimar Rosa Dias (Educação – USP)

Patrícia Santana(Centro de Referência da Cultura Negra – BH)

Para garantir que a História e a Cultura Africana e Afrobrasileira fosse contada nas escolas brasileiras, de forma “fiel” e “legítima”, fez-se necessário a força de uma Lei Federal. Em 09 de janeiro de 2003 foi promulgada a Lei 10.639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a Lei 9.394/96, tornando obrigatória a inserção dos conteúdos da história e da cultura da Afrobrasileira (e africana) no currículo das escolas públicas brasileiras. O intuito era trazer para as escolas um incentivo para que os educandos pudessem conhecer a história das outras matrizes étnicas que contribuíram para formação do povo brasileiro.

Também é importante ressaltar que outros documentos, anteriores a Lei 10.639/09, muito contribuíram a edificação da proposta de Educação Etnicorracial, a saber: *a Constituição Brasileira de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996); os Parâmetros Curriculares Nacionais, com ênfase no Volume 10 – Pluralidade Cultural (2001).*

Pode-se afirmar que, as primeiras mudanças voltadas para o reconhecimento de tratar a história brasileira de outra forma veio com Constituição Brasileira de 1988. Em seu Artigo 242, parágrafo 1º está determinado que: “o ensino de história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, reforçando uma orientação estabelecida em um artigo anterior, o de número 205, que remete a necessidade de valorização do patrimônio cultural brasileiro e das culturas dos povos indígenas e afrodescendentes.

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira*, nº 9.394 de 1996, viria consolidar essa nova proposta de contar a história do Brasil. Em seu Artigo 26, inciso 4º, estabelece: “O ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”. A ideia era oferecer nas nossas escolas um conteúdo que remetesse as verdadeiras raízes do povo brasileiro, todos que fizeram parte da sua formação, de modo a ofertar aos educandos um desenvolvimento cultural, social e político o mais próximo possível da realidade. Desse modo, permitindo o acesso a uma história que viabilizasse um conhecimento baseado na valorização, respeito e acima de tudo fiel a verdadeira história das matrizes étnicas que fundaram o Brasil.

Para realizar e efetivar estas mudanças, foi “delegando” aos programas curriculares esta função, que deveria se dá através dos conteúdos das áreas da educação artística, literatura e história do Brasil. Os professores, responsáveis por estas áreas deveriam dá uma especial atenção ao tema, muito embora esta abordagem deva estar presente em todo o currículo da escola. Mas, como desconstruir uma prática educativa de anos e anos de equívocos e lacunas? De acordo com o posto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em especial o Volume 10 que discute e orienta a temática da Pluralidade Cultural, no Brasil “a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica” sempre foi um assunto de difícil de lidar. Nosso país sempre “(...) marcado por ‘mitos’ que vincularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, promotor de uma democracia racial” (PCN, 2005, p.20).

A Lei 10.639/03 é fruto de uma conquista histórica dos movimentos negros, pode ser considerada o coroamento de um longo processo de luta e embates daqueles que sempre buscaram a promoção da igualdade e da dignidade humana. Desde a sua promulgação uma série de outros documentos nacionais, também são considerados de grande relevância, foram sendo sancionados, dentre eles: a “Resolução nº 1 de junho de 2004”; as “*Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2004)” e as “*Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem Étnico-Racial para a Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio* (2008)”. Esses documentos e diretrizes intencionam possibilitar que no currículo da educação brasileira a história do povo brasileiro seja contada numa nova perspectiva: reformulada, fiel, ampliada – incluindo a participação de todas as matrizes étnicas que contribuíram para formação do nosso povo.

A história da presença do negro no Brasil estava fragmentada em conteúdos, com ênfase para a época da escravidão, que na maioria das vezes era transmitida através de uma

historia repleta de lacunas, que desconsiderando o papel do negro na formação da nossa sociedade. E esse ainda é um dos grandes desafios a ser enfrentado para a concretização da proposta de educação etnicorracial. É primordial que todos os atores envolvidos na educação entendam o quando é importante efetivar essa proposta, apenas assim poderemos desfazer os preconceitos e as discriminações que por séculos estão impregnados na nossa história.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional, publicados no ano de 1997, possibilitar que os educandos tenham acesso ao conhecimento das “as diversas heranças culturais que convivem na população brasileira”, permitirá:

- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
(...)
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; (...) (BRASIL, 1998, p. 8).

Assim, através dessa perspectiva, a história e a cultura negra brasileira e o negro poderão ter ressignificação e uma reconhecida participação nas diversas áreas da nossa sociedade em vários aspectos: social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Muito embora esta abordagem “nova” deva estar presente em todo o currículo, muito pouco foi modificado até agora. Acreditamos que, para isso acontecer, muitas mudanças serão necessárias, desde o processo de formação docente a reformulação do currículo pelas diretrizes. Isto feito possibilitará o diálogo e a participação de todos que compõem a nossa sociedade, “sem distinção de qualquer natureza”, promovendo-se assim os princípios da dignidade, do respeito mútuo e da justiça social. Para isto não devemos esquecer que, assim como nossos alunos, nós professores fomos formados sob uma ótica voltada para valorizar o que não está em nós, mas sim, o que vem de fora; até porque essa era a forma dos colonizadores europeus estarem sempre presente entre nós.

Estas Leis foram de grande relevância para promover mudanças, principalmente para as escolas das comunidades negras e reconhecidas como remanescente de Quilombos. A partir desta nova prática educacional a instituição pública de ensino pode entender e compreender a importância da cultura afro, que também merece que seu lugar seja reconhecido como parte da cultura mundial.

Estes documentos são frutos de reflexões acerca dos problemas socioculturais que permeiam nosso ambiente escolar em busca de soluções a partir das questões e das dificuldades vivenciadas, mostrando caminhos para uma educação diversa, sempre através de uma batalha com diversos movimentos sociais envolvidos que lutaram por uma educação inclusiva, e também a importância para a construção de uma proposta que contemple as principais dimensões de um tema tão vasto como este.

Inserir a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar de um povo que tanto contribuíram na nossa formação, levando os alunos, de todos os níveis da educação do país, a conhecerem a influência, as contribuições e a importância da Cultura dos africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira, além de valorizar a imensa diversidade, desconstruindo relações baseadas em estereótipos, discriminações e preconceitos com base em tudo isso, verificamos a importância da implementação da Lei 10.639, para desfazer os anos de equívocos que ocorrerem na história do Brasil.

A desconstrução dessa história traz à tona a verdade de um povo que vieram de vários lugares da África trazidos contra as suas vontades para o Brasil só com os propósitos de serem escravos. Então, depois de muitos anos de lutas foi implementada e aprovada a Lei 10.639 em 09 de janeiro de 2003 pelo Governo Federal, que instituiu a obrigatoriedade da História e Cultura Afrobrasileira e Africana nos currículos escolares, com objetivo de resgatar conhecer e valorizar a verdadeira história e importância da contribuição de povo que fizeram e fazem parte da formação da sociedade brasileira. Desfazendo a história que foi passada para nós como sendo a única verdade mostrada só parte do dominador e não do dominado, com a Lei, as escolas terão que trabalhar o que ela determina trazendo uma característica do Brasil como um país rico em manifestações culturais e composto por muitas identidades étnicas.

2 - A LITERATURA NA SALA DE AULA: USOS E POSSIBILIDADES

“Pode-se notar a respeito desse confronto, que a humanidade se transforma ciclicamente: o paradigma emergente, a partir de certo momento, é instaurado; com o tempo consolida-se, dá frutos, alavanca o progresso e acaba por criar um novo homem, que passa a não caber nos limites daquele “paradigma” inicial. Este, devido ao seu próprio sucesso e progresso, acaba sendo superado.”

Nelly Novaes Coelho (2000)

O texto literário contém muito mais do que histórias fantásticas, contém uma “chave” que permite ao leitor ultrapassar o mundo do imaginário para ingressar no mundo concreto estabelecendo sentido para o mundo no qual está inserido. Ao apropriar-se do texto literário a criança pode ser levada a refletir sobre a sua história, lugar que ocupa na mesma e o contexto que a cerca, ver o (seu) mundo de outra maneira. Assim, além de uma grande fonte de prazer, a leitura de textos literários possibilita o leitor adquirir conhecimentos para melhor entendimento da sua realidade, aprimorando a sua visão sobre o mundo que o rodeia fazendo despertar sentimentos e emoções, como também vai viabilizar o acesso aos diversos tipos de conhecimentos culturais.

A leitura nos conduz a possibilidade de nos aproximar da realidade com o imaginário sem precisar fazer uma distinção entre ambas. Ler um texto é viver, olhar e falar, sem encontrar verdades absolutas ou explicações suficientes. Diante da leitura utilizamos todos os sentidos, como nos diz Cavalcanti: “A literatura possui sobre tudo uma capacidade intensa de despertar imagens, por isso acreditamos que o convite para o mundo da leitura deve acontecer de forma integrada, ou seja, estimulando toda a rede de percepção: ver/ouvir/sentir” (CAVALCANTI, 2002, p.84).

É preciso que a criança entenda que as histórias revelam o mundo fantástico para que o leitor deixe de ser um mero ouvinte e passe ser um leitor crítico reflexivo, assumindo um papel atuante nesse processo de aprendizagem, deve aprender que a sua vivência, o seu cotidiano deve ser o referencial através do qual irá dialogar com a história. Como nos diz Cavalcanti (2002) que, muitas das vezes, as histórias infantis servem como válvula de escape, a medida que a partir da imaginação uma criança pode visualizar os problemas que vivencia todos os dias e encontrar respostas para os mesmos, para os seus porquês. Em outras palavras, os textos literários

(...)nos fazem ficarem mais próximos dos nossos dramas existenciais, como também nos propõem que pode ser diferente se assim formos buscar a mudança, transgredindo regras e acreditando na vitória. Certo é que também, muitas vezes nos servem de válvula de escape, o que é positivo, pois necessitamos do sonho e da poesia para sermos melhores e mais maduros (CAVALCANTI 2002, p.65).

O ato de ler é uma prática de extrema importância na formação das crianças à medida que ajuda a constituir cidadãos críticos e participativos e deve ser entendido como um direito fundamental de todos os indivíduos. É através da leitura que se aprende a refletir e a questionar o mundo, com isso, os alunos podem aprender desde cedo a descobrir sozinhos as dificuldades enfrentadas no cotidiano. Daí a importância da criança ser inserida cada vez mais cedo no mundo da leitura. Através da leitura elas despertam o senso crítico, dando as crianças às múltiplas possibilidades de interpretações da realidade apresentadas nas histórias. A criança pode desenvolver com maior destreza sua capacidade de aprender, possibilitando-a sair da condição de ser frágil para ser tornar agente da sua própria história.

A entrada no mundo simbólico vai mostrar para a criança o sentido da linguagem como ponto máximo do processo de aprendizagem, como também a descoberta de uma realidade capaz de ser transformada. À medida que a criança cresce seu meio de leitura vai mudando se tornando mais ampla até que atinge a maturidade de articulação das palavras, isso faz parte de uma organização natural do ser humano, no entanto, mesmo sendo capaz de interpretar e representar, é necessário que seja estimulada na sua produção de símbolos para que possa expressar e compreender o mundo de maneira mais clara possível.

A leitura de textos literários deve ser encarada como uma atividade essencial a qualquer área de conhecimento, porque seu sucesso ou fracasso dependerá da leitura e da aprendizagem adquirida na escola. Para fazer com que os alunos tornem-se um bons leitores, eles precisam ler com prazer, e o mais importante é criar um clima de cumplicidade, para que a criança sinta-se confiante e estimulada pela leitura, é preciso três pontos importantes: primeiro o professor que orienta a leitura; o segundo o aluno que escuta a história e constrói o significado a partir da leitura; terceiro, o livro ou história envolvido essa interação entre o leitor/ livro/texto busca-se despertar o gosto pela leitura que só uma literatura proporciona na criança.

Diante do que está posto acima, para que a criança aprenda a gostar da leitura literária, torna-se necessário criar um clima e uma situação onde ela possa se sentir estimulada com as

historias. Todavia, isso só irá acontecer caso a criança se identifique com as historias lidas. É aí que entra a escola e o papel que deve desenvolver nesse processo. Afirma Cavalcanti:

Não basta que a escola promova o lúdico, a brincadeira e a leitura dentro de um clima de prazer. É fundamental que aprender a ler e a gostar de ler tenha um sentido na vida de cada um. Que o leitor se sinta identificado com o lido, que possa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo (CAVALCANTI 2002, p.79).

Acreditamos que o texto literário oferece a criança um universo mágico que o ultrapassa a realidade porque, quando percorremos esse mundo maravilhoso dos contos faz com que sejamos capazes de revelar situações de que o mundo vivenciado ali faz parte da realidade e essa identificação com as histórias e as personagens envolvidas durante a leitura, não importando em que época seja, pois, os contos terão sempre esse encantamento como a própria citação abaixo traz. Os contos servem como alimento para os nossos sonhos durante as nossas aflições, daí ela ser tão importante na vida de uma criança. “Como é possível observar, os contos sempre tiveram uma função muito especial dentro das práticas culturais e sociais de todos os povos, alimentando os sonhos e os anseios de superação dos conflitos do espírito e do corpo” (CAVALCANTI 2002, p.65).

Podemos ressaltar que, o processo de leitura acontece dentro de um sentido de busca e reflexão no qual ler significa questionar o mundo e deixar-se ser questionada por ele. Portanto, ler significa uma relação de troca de prazer entre o leitor e o texto, pois à medida que nos tornamos leitores tornamo-nos capazes de ressignificar a nossa realidade de maneira mais ampla e reflexiva.

É de extrema importância o contato da criança com as historias infantis de toda formas possíveis, que os textos literários possam permitir as crianças criarem estratégias para compreenderem se posicionarem no mundo que a cerca, como também proporcionando a cada uma o conhecimento da própria historia e das diversas culturas, imaginando-se no lugar dos personagens e nas aventuras que ocorrem nas histórias lidas que tanto encantam as crianças de todas as épocas. Pois os instrumentos que possuímos são tantos que não faltam opções para que educadores descubram quais os melhores caminhos para se obter o gosto e o prazer pela leitura em qualquer fase da criança.

O importante é que se repense sobre o uso do texto literário na escola, seja por meio da contação ou narração, como espaço próprio para que se criem novas sensibilidades. Tanto a narração de histórias por meio da oralidade, como pela escrita podem facilitar o surgimento de uma criança mais conhecedora de si e do outro, sendo capaz de se reconhecer nos textos -

como também criando outro mundo a partir das histórias que se abrem durante a leitura ou a escuta dos enredos.

Muitas vezes, os textos literários funcionam para o leitor como meio de fugir dos problemas que estão passando, permitido sonhar com uma vida melhor, mexendo com o imaginário delas, sair do mundo real e viajar para viver as aventuras fantásticas das histórias, como também podem tornar o leitor mais consciente das suas próprias fragilidades, da sua realidade. Em outras palavras, os textos literários são capazes de ajudar na compreensão dos problemas das crianças, dessa maneira, poderão contribuir para que as mesmas possam pensar em possibilidades de respostas aos mesmos, permitindo criar soluções para alguns obstáculos.

Nesse sentido, o texto literário é mais do que uma história escrita, ultrapassa o universo concreto e entra no mundo dos sonhos do imaginário de cada leitor fazendo com que sejamos capazes de viajar entre a realidade e a imaginação levando a criança a questionar a sua realidade de uma forma prazerosa e divertida, que só a leitura proporciona.

A leitura sempre significa uma relação de troca entre o leitor/texto, pois na medida em que nos tornamos leitores, também tornamos capaz de ressignificar à realidade de maneira mais ampla e reflexiva.

Foi a partir dessa perspectiva que tomamos os textos literários voltados para a temática etnicorracial como recurso para viabilizar o processo de inserção da História e Cultura Afrobrasileira e Africana no Ensino Fundamental. Experiência que passaremos a relatar a seguir.

3 - CAMINHOS PARA INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA NA SALA DE AULA: A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO SUPORTE

*“É pensando na tessitura dos personagens negros, sob o viés da Lei 10.639/03, no que tange à valorização da história e das culturas africana e afrobrasileira, que chamo a atenção para a necessidade de prosseguir com os ideários da **negritude**, com vistas à inovação desses seres, por meio de uma representação positiva deles nas produções literárias infanto-juvenis.”*

Maria Onória de Jesus Oliveira (2010).

Um dos grandes desafios enfrentados no processo de implementação da Lei 10.639/03 diz respeito a adoção de metodologias que facilitem o trabalho de um conteúdo considerado “novo” para muitos professores. Desse modo, quando optamos por desenvolver um projeto de intervenção pedagógica com uma turma do Ensino Fundamental I estávamos atendendo a duas demandas: o cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o desenvolvimento de metodologias para trabalhar conteúdo de História e Cultura Afrobrasileira e Africana na Educação Básica nos anos iniciais a fim de viabilizar a proposta de Educação Etnicorracial.

A opção pela prática de “Intervenção Pedagógica” se deu também influenciada pelas constatações do “Estágio de Observação” quando percebemos a dificuldade de leitura, interpretação e compreensão dos textos lidos pelos alunos. Com isso, resolvemos unir o conhecimento adquirido no curso e no grupo de pesquisa para ajudar no desenvolvimento da habilidade de leitura da turma selecionada, ao mesmo tempo que introduzíamos o conteúdo da educação etnicorracial. Desse modo, a intervenção também é uma forma de adequar o conhecimento à realidade à medida coloca o “aluno-interventor” no campo permitindo ao mesmo melhorar e aperfeiçoar a sua prática. Nesse caso pode ser classificada como uma pesquisa do tipo “Estudo de Caso”, já que nos possibilita conhecer uma dada realidade de forma aprofundada.

- **Lócus:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Cândida de Oliveira
- **Amostra:** alunos/as de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I.

- **Período:** as atividades foram desenvolvidas do dia 14 de novembro ao dia 09 de dezembro de 2013, sendo um encontro semanal (quintas-feiras) - aula de história.
- **Coleta de dados:** a partir da aplicação do “Projeto de Intervenção Pedagógica” (ver Apêndice I).
- **Instrumentos da coleta:** observação

Os resultados na “Prática Pedagógica”, viabilizado pelo projeto de intervenção, esse TCC foi fundamentado na realização de uma pesquisa de base bibliográfica e documental. Com as informações obtidas nessas fontes obtivemos o conhecimento (inicial) necessário para ir a campo desenvolver o projeto e depois avaliar os resultados da prática, cientes de que o projeto de intervenção pedagógica constituiu-se em uma fonte de pesquisa muito rica, pois permitiu conhecer a realidade e o cotidiano de sala de aula de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I.

A partir da aplicação do projeto de intervenção pedagógica, considerando o conteúdo teórico/documental acumulado ao longo do processo de formação pedagógica, realizamos o nosso TCC, cujos resultados obtidos serão apresentados a seguir.

3.1 – Conhecendo o *lócus* da Pesquisa¹

A escola objeto da intervenção foi a Escola Municipal Maria Cândida de Oliveira, está situada na Rua Dr. Antonio Camboin, S/N, no Bairro Nova Brasília em Campina Grande – PB. A construção da referida unidade de ensino, foi iniciada no ano de 1976, na gestão do então prefeito Evaldo Cruz. Destinava-se a atender as crianças do bairro e das áreas em seu entorno. O nome da escola foi escolhido para homenagear a senhora Maria Cândida de Oliveira, pelos relevantes serviços prestados nas áreas de educação como professora.

Quando da fundação, a escola funcionava em um prédio pequeno, sem muros, exposta aos vândalos e enfrentando inúmeras dificuldades, especialmente no que se refere a sua estrutura física. Ao longo dos anos recebeu uma série de reformas que permitiram a ampliação e modernização das instalações. Estas reformas foram em parte realizadas a partir da parceria com empresas privadas a exemplo da atual parceria que a escola mantém com empresa “Bentonit União Nordeste” que ano de 2013 completou 30 anos de parceira que a

¹ As informações sobre o histórico da Escola Municipal Maria Cândida de Oliveira foram obtidas no Projeto Político Pedagógico da referida unidade de ensino.

empresa tem com a escola, ajudando-a cuidar da sua estrutura física: pinturas, consertos elétricos e hidráulicos e da limpeza entre outros serviços. A empresa também paga mensalmente a um professor de música para o coral da escola e uma pessoa para manutenção do jardim. Atualmente a escola se encontra em uma boa estrutura, murada limpa ou seja, bem cuidada por todos que compõem a escola além de contar com uma ampla área de recreação.

A estrutura física da escola pode se considerada de excelente qualidade com amplos espaços, favorável para realização das atividades pedagógicas e recreativas. As salas de aulas, no total de sete, são espaçosas, claras e arejadas. Conta com uma biblioteca com um bom acervo de livros de diversas obras (livros, revistas e material para pesquisa dos professores), inclusive em relação à temática da História e Cultura africana e afrobrasileira conta com cerca de 50 livros. 01 (uma) secretaria, 01(uma) sala para os professores, 01 (uma) cantina, 01 bloco de banheiros masculinos e femininos para os alunos, além do banheiro exclusivo para deficientes físicos, 01 banheiro para os professores, 01 banheiro para funcionários, 01(uma) sala de informática, 01 (um) gabinete odontológico, só que o gabinete odontológico está sem funcionar desde o ano passado, 01 (uma) quadra de esportes coberta, e 01 (um) almoxarifado. O prédio possui todas as dependências necessárias ao bom atendimento do alunado. Merece destaque a quadra de esportes coberta, o pátio coberto e um amplo pátio de descoberto por ser bastante arborizado.

A escola funciona nos dois turnos (manhã, tarde), que atende neste ano de 2013 a cerca de 370 crianças de ambos os sexos, a grande maioria são oriundas de famílias de baixa renda. Estas crianças estão distribuídas da seguinte forma: Pré-escolar (Educação Infantil) até o 5ª ano do Ensino Fundamental.

A administração da escola está sob a direção da Profa. Maria Conceição Davi Pereira, que se contra no seu segundo mandato que se decorrentes de um processo de eleição direta. A escola conta ainda com a equipe técnica compostas pelas seguintes profissionais: Supervisora e Assistência Social. O corpo docente da escola é composto por 14 professores (as) com formação variada: graduação, especialização e mestrado. A escola conta também com recursos pedagógicos como: livros didáticos inclusive o grande acervo sobre a temática da história e cultura afro-brasileira e africana, caixa de som amplificada, CDs, fitas de vídeo, mapas, coleções pedagógicas, fantoches, jogos educativos, livros de literatura infantil, gibis, data show e computador.

O relacionamento aluno, professor e funcionários da escola durante a prática acontece de forma amigável. Entre professor/aluno tem prevalecido o respeito mútuo, procurando novas metodologias e o diálogo para melhorar o comportamento de todos com relação ao

cotidiano na escola e fora dela. Há uma interação contínua entre os alunos, uma vez que, as tarefas proporcionam-lhes esta interação. De modo geral, podemos observar que todos os profissionais que atuam na escola demonstram um sério compromisso e grande envolvimento com as atividades pedagógicas. Esta relação é indispensável para que a escola alcance êxito em seus propósitos.

De acordo com as informações obtidas, a escola tem Projeto Político Pedagógico–PPP² (ao qual passaremos a nos referir apenas como Proposta Pedagógica – PP), embora no período da pesquisa (2013) estivesse desatualizado, os últimos ajustes haviam sido realizados no ano de 2007. Dentre os muitos objetivos propostos no referido PP está o de promover a melhoria no processo ensino-aprendizagem, buscando atingir uma educação de qualidade. Este processo se daria a partir dos conteúdos vivenciado pelos alunos e das valorizações dos seus conhecimentos visando um alicerce em base sólida e a formação preparando para o exercício consciente da cidadania.

Neste sentido, a proposta pedagógica está sempre tentando atender os objetivos propostos no PP contribuindo para o desenvolvimento de uma prática pedagógica fundamentada numa perspectiva progressista de educar na medida em que procura promover uma educação voltada para a formação de um sujeito capaz de fazer uma relação sobre o contexto no qual está inserido como também capaz de fazer sua própria história, ou, seja, um sujeito crítico, autônomo e participativo.

A metodologia que a escola adota para colocar em prática suas atividades é orientada por uma proposta de trato dos conteúdos cujas culminâncias dão origem a projetos, eventos, semanas pedagógicas promovendo situações em que os alunos construam e desenvolvam seus próprios conhecimentos de forma participativa interagindo com o meio que estão inseridos e assim desenvolvendo suas capacidades de aprender.

Portanto, é importante que a escola não tenha o PP, apenas como forma de mais um documento que fica engavetado e que se abstém no presente. Mas como uma ferramenta orientadora do processo de construção do conhecimento, de modo a projetá-lo com intencionalidade educativa, aspectos que são de grande valor no princípio da organização social, cultural e educativa da comunidade. Desse modo, a escola tem elaborado seu plano de ação de forma a contribuir para uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva, como também tem

²Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Proposta Pedagógica/ Projeto Pedagógico/Plano Pedagógico (PP) são denominações utilizadas para referir-se as atividades pedagógicas que devem ser desenvolvidas na escola em um dado período, assim todos os termos “(...) designam um mesmo sentido de projetar: orientar-se antes de se lançar; criar caminhos e agir em um processo intencional com base na reflexão sobre as concepções e ações do presente”. Disponível em: <<http://www.labor.org.br/pt-br/gestao-participativa-8.asp>>. Pesquisado em 01 de abril de 2015.

permitido seguir as orientações proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais e demais documentos que orientam o processo de ensino-aprendizagem, seus conteúdos e suas práticas.

Nesse sentido, observamos naqueles que fazem a Escola Maria Cândida o compromisso com a formação de um sujeito crítico-reflexivo diante da sociedade, desse modo colocando em prática um processo ensino-aprendizagem que reconhece a realidade do aluno como base.

Os resultados que serão apresentados a seguir resultam de uma intervenção realizada na Escola com o intuito de desenvolver modos eficazes de implementação da Lei 10.639/03 nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente olhando para a metodologia e as práticas cotidianas de sala de aula a fim de contribuir para a construção de uma proposta de educação capaz de desfazer anos de preconceitos e de discriminações que marcaram nosso passado ao longo da nossa formação histórica.

A escolha pela referida escola se deu em decorrência da mesma ter sido objeto das atividades da Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), da qual fiz parte entre os anos de 2009 ao primeiro semestre letivo de 2013. Dentre as várias instituições visitadas nesses 03 (três) anos de pesquisa de campo, a escola objeto dessa intervenção foi a que mais desenvolveu atividades alusivas a temática etnicorracial e uma das mais receptivas ao desenvolvimento de novos projetos.

Com este trabalho de Intervenção pretendíamos mostrar como os conteúdos relativos à História e Cultura Afrobrasileira e Africana podem ser inseridos no currículo do Ensino Fundamental I mediado pelo uso da literatura, em específico da literatura infanto-juvenil, a partir do uso de uma metodologia diferenciada.

4. A EXECUÇÃO DO PROJETO

“(...) Temos práticas pedagógicas que são organizadas a partir do livro, mas transcendem o objeto livro, a narrativa, as personagens. A estética africana transposta para o livro ganha novos contornos (...) e sobre aspectos específicos de grupos culturais, sustentam esse ir além.”

Leandra J. P. Rocha(2008).

O projeto de intervenção pedagógica foi aplicado em uma turma da Escola Maria Cândida, e tomou como base, atividades que foram trabalhadas, a partir de histórias infanto-juvenis e de contos, partindo do tema “Afro”, numa perspectiva de valorização de modo a contribuir para o (re) conhecimento das pertencas étnicas das crianças que configuravam o objeto da prática e para o fortalecimento de suas identidades.

A proposta de intervenção foi apresentada à direção da escola no dia 16 outubro de 2013. Em uma conversa com a Diretora, que nos recebeu muito bem, apresentamos o projeto e a proposta de intervenção que pretendíamos desenvolver em uma das turmas. A mesma demonstrou interesse e receptividade ao projeto, afirmando ser compatível com o projeto que estavam desenvolvendo para “Semana da Consciência Negra” no mês de novembro, cuja culminância ocorreria nos dias 21 e 22. Nessa mesma conversa, já saímos definidas quanto a turma e aos acertos institucionais necessários como; cartas de apresentação da orientadora e da coordenação do curso, autorização da Secretária de Educação do Município (SEDUC) e o agendamento para apresentação da proposta a professora responsável pela turma na qual o projeto seria aplicado.

No início da semana seguinte, dia 24 de outubro, voltamos à escola para entregar à diretora as cartas de apresentação e a autorização para realização da pesquisa concedida pela SEDUC. A diretora reafirmou qual seria a turma, do 4º ano do Fundamental I período da tarde, e nos agendou para uma conversa com a professora responsável pela turma para a semana seguinte.

Na quinta-feira da semana seguinte, dia 07 de novembro, ocorreu o primeiro contato com a professora, a qual chamaremos pelo nome fictício de Maria. O encontro se deu no intervalo entre as aulas (recreio) e foi breve. Apresentei-me e em seguida a minha proposta de trabalho, falei a duração do projeto e o que pretendia fazer, tratamos sobre o dia da semana

que poderia ser utilizado e a mesma respondeu que poderia vir na quinta-feira, dia da aula de história. A professora foi muito receptiva entendendo que seria algo que “traria um diferencial” para a sua sala de aula. Disse-me a mesma que na turma existiam problemas com o “famoso *Bullying*”, relatando que algumas crianças eram tratadas de forma preconceituosa: “(...) *eles chamam uns aos outros de negrinho*”. Prática que denuncia a visão preconceituosa do negro, ainda enraizada na nossa sociedade e que sempre se manifesta nas nossas escolas. De acordo com a professora, eles não se consideravam negros, então quando chamavam outros colegas de “negro” era com a intenção de ofender, um xingamento.

Posteriormente, exatamente após a realização do primeiro encontro com a turma, ao final da aula a Professora Maria falou que uma das crianças da turma havia sido vítima de preconceito por parte das outras. Relatou que a referida aluna chegava à escola toda suja e algumas vezes machucada por ter apanhado dos pais, o que levava os colegas a práticas de insultos, xingamentos e ao afastamento. Para resolver o problema precisou fazer um “trabalho social” com o alunado, voltado para a higiene pessoal dos alunos e a maneira de se vestirem, com isso, a professora afirmou que chegou inclusive a trazer roupas para a menina. Depois desse trabalho as outras crianças passaram a aceitá-la e pararam com as atitudes de preconceito.

Perguntei também se a mesma já tinha trabalhado algum conteúdo voltado à temática da História e Cultura Africana e Afrobrasileira. Foi quando ela respondeu que “(...) *não tinha trabalho nada em relação à temática*.” O que nos deixou confusa, pois, a escola já estava ensaiando as apresentações culturais alusivas às comemorações do Dia da Consciência Negra. Mesmo após o término da intervenção não conseguimos “descobrir” a razão.

Acertamos que as atividades do “Projeto de Intervenção” seriam colocadas em prática ao longo de quatro encontros, do dia 14 de novembro ao dia 09 de dezembro de 2013. Os dias indicados para os encontros foram às quintas-feiras, que era o dia da aula de história, no primeiro horário, das 01h00 às 15h00.

Acordou-se também entre as partes, que as atividades apresentadas deveriam levar em consideração o que já estava sendo trabalhado dentro do planejamento vigente para as disciplinas de história e geografia. De tal modo, adequamos o conteúdo planejado no nosso projeto relacionando-o ao conteúdo que já estava sendo trabalhado com a turma: “Valores”, orientado para o eixo: “Exploração do Trabalho Infantil”. Fazer esse ajustamento não representou problema algum, o projeto da professora encaixava-se na nossa proposta, precisamos apenas fazer um pequeno ajuste, redirecionando as atividades planejadas. Assim,

ajustamos a discussão para a situação das crianças negras em relação à exploração do trabalho infantil.

Em relação à professora participar durante todo o processo de desenvolvimento do projeto de intervenção, aspecto que foi de suma importância a medida que demonstrou o interesse da mesma pela temática, mesmo que não viesse trabalhando com regularidade. Do mesmo modo afirmar que a presença dela na sala de aula foi de fundamental importância para o sucesso do projeto, visto que a mesma se dispôs (com muito boa vontade) a ajudar em todos os momentos e o conhecimento prévio da turma ajudou na condução das atividades.

No decorrer desse período olhamos desde a chegada das crianças as atividades desenvolvidas pela professora, o que nos permitiu ir (re) adequando nossa proposta de trabalho ao projeto que já estava sendo desenvolvido. Apesar do curto espaço de tempo que nos foi dado, a experiência acabou sendo importante, pois representou uma excelente oportunidade de aprendizagem, que servirá como referência para elaborarmos futuros projetos para nossa prática pedagógica.

4.1 - A turma

A turma que nos foi destinada ao desenvolvimento da Intervenção cursava o 4º ano do Ensino Fundamental I, no total contava com 24 (vinte e quatro) crianças, sendo 13 (treze) meninas e 11 (onze) meninos, de faixa etária entre os 09 (nove) a 15 (quinze) anos. Na sua maioria, as crianças moram nos bairros periféricos no entorno da escola e são oriundos de famílias carentes e com baixo índice de escolaridade.

O número de alunos presentes na turma que apresentavam distorção série/idade é grande, fato a princípio que nos chamou atenção. Dentre os prováveis motivos, além dos problemas de aprendizagem, está a necessidade destes se afastarem da escola para trabalhar auxiliando seus familiares – mesmo considerando que os pais recebem auxílio financeiro do Governo Federal (através do Programa Bolsa Família), o que torna a frequência destas à escola obrigatória para não perderem o benefício. Por exemplo, nos 04 (quatro) encontros realizados com a turma em nenhum deles a turma estava completa, quando indagados sobre a ausência de alguém respondiam que estava “doente” ou “ajudando o pai”.

A sala na qual a turma está instalada é bastante arejada, com duas janelas grandes. O estado de conservação é considerado bom, possuía: um quadro grande, mesas e cadeiras apropriadas ao tamanho das crianças, um armário, onde eram guardados os materiais

utilizados pela professora e pelos os alunos. A sala era decorada com alguns cartazes de atividades feitas pelas próprias crianças em datas comemorativas.

Em linhas gerais podemos afirmar que, apesar das dificuldades de aprendizagem apresentadas na escrita, leitura e interpretação de textual, as crianças demonstravam interesse e participavam das atividades propostas pela professora. Mostraram-se colaborativos e envolvidos com os projetos desenvolvidos, apresentando-se alegres, atentas, bem comportadas, desejosas de aprender. Nos 02 (dois) encontros iniciais observamos com atenção quais eram as atividades que a turma demonstrava mais interesse, percebemos que aquelas que tinham um caráter mais lúdico, com menos exigência de escrita e leitura, envolviam mais a turma. A partir dessa constatação optamos por colocar no projeto atividades simples, colaborativas e com forte teor lúdico, o que terminou por facilitar a relação com a turma e aplicação do projeto.

Em relação às atividades desenvolvidas podemos observar diferentes tipos de comportamentos: alguns alunos foram bem participativos, outros se apresentaram mais tímidos, mas mesmo assim realizaram as atividades apresentadas com interesse e competência. Também é possível que no início eles tenham ficado um pouco arredios em decorrência da mudança dos métodos de ensino por nós utilizados em relação ao da professora.

Uma turma por sinal muito boa e inteligente o problema é só a falta de interesse pelos conteúdos que são trabalhados, mais mesmo assim, a experiências de passa sete semanas com eles é algo que eu não for esquecer já mais não posso fala mal nem da professora e nem dos alunos porque sete semanas é muito pouco para você fazer análise de tudo que ocorreu nesse período, mas, o que posso dizer de tudo isso que o aluno do 4º ano da Escola Municipal Maria Cândida de Oliveira é um ser em pleno desenvolvimento tanto intelectualmente quando socialmente só precisando ser aprimorado pelos que convivem com eles estimulados sempre os conhecimentos fazendo com que aprendizagem se torne atraente para criança. Ai entra o nosso papel o do professor como mediador e orientador entre o aluno e o conhecimento.

Em linhas gerais, a rotina geral da turma era a seguinte: os alunos começam a chegar à escola a partir das 12h45, mas só vão para a sala de aula as 13h00. Nesse intervalo ficam todos os alunos como também os professores no pátio onde fazem uma oração, que podia ser a oração do “Pai Nosso” ou uma oração espontânea. Após a oração os alunos acompanham seus professores, organizados em fila, para as salas de aulas. A aula é iniciada sempre com uma conversa “amena” sobre como havia sido o dia deles e haviam tido dificuldades com as atividades de casas. Em seguida a professora fazia a correção das atividades que foram

indicadas para casa. A correção era feita na lousa com as respostas corretas sendo escritas, ou às vezes a professora atendia individualmente, dependia da atividade que fora passada para casa (isto foi observado quando fazíamos a observação da turma).

Os dias de observação e ação dentro de uma instituição escolar permitiram uma nova aprendizagem, adquirir um novo conhecimento a cada dia, tanto em relação a observação quanto em relação a prática no que diz respeito ao trabalho de uma professora e a atuação de um gestor escolar. Percebi o quanto é importante um trabalho em conjunto da escola, professores, pais e a comunidade em geral, todos em prol do benefício da escola, ou seja, perto do modelo de escola com a qual tanto sonhamos. Sem sombra de dúvidas, as atividades desenvolvidas durante o projeto possibilitaram vivenciar a escola a partir de uma outra ótica. Diante de tudo, também pude constatar o quanto é difícil o trabalho do professor no dia-a-dia com seus alunos dentro da sala de aula, assim como para os demais funcionários que fazem parte da instituição escolar.

A escolha dessa turma se deu orientada pela identificação que sempre tive com as crianças maiores por considerar melhor para se trabalhar os conteúdos, o que não foi diferente com essa.

4.2 - O Projeto: “A valorização da identidade negra”

A Intervenção consistiu no desenvolvimento de um Projeto intitulado: “A valorização da identidade negra” (ver Apêndice I), objetivava contribuir para o desenvolvimento de metodologias que viabilizassem à implementação da Lei 10.639/03 nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, montamos o projeto tendo como suporte a literatura infanto-juvenil. A escolha pela literatura se deu em decorrência do seu papel relevante no processo de ensino-aprendizagem, não apenas por propiciar às crianças o contato com o universo das letras, mas, sobretudo, por lhes permitir desvelar nos livros diferentes realidades que, certamente estarão presentes em suas respectivas formações intelectuais e psíquicas.

A escolha por este “instrumento” foi reforçada na conversa prévia com a professora, uma (sondagem), e na observação realizada na turma, que nos revelou as dificuldades dos alunos em compreender as leituras do conteúdo programático propostas pela professora, em interpretar as leituras, em organizar as ideias e, posteriormente elaborar respostas a partir dos textos lidos.

A nossa ideia era que a partir da leitura dos livros selecionados e trabalhados os alunos, além do conteúdo da História e Cultura Africana e Afrobrasileira, permitir aos

mesmos conhecer outro tipo de literatura infanto-juvenil, que não aquela denominada de “clássica”, dos contos de fadas e princesas brancas em seus castelos encantados, que geralmente são os trabalhados em sala de aula. Mostrar aos mesmos que existem sim outras realidades, outras formas de viver, tipos de pessoas que se assemelham mais a nossa realidade, Nesse caso, encontradas nos livros paradidáticos que tem a África e os afrodescendentes como os protagonistas da história. As atividades planejadas no projeto deveriam ser desenvolvidas em apenas 04 (quatro) encontros, precisamos selecionar os trechos do material selecionado para ser trabalhado em sala de aula: leitura, discussão e aplicação de atividades interpretativas. As estratégias de leitura utilizadas foram aquelas que permitissem, além do desenvolvimento da aprendizagem, despertar para o prazer pela leitura, o que ajuda o educando a se apropriar do conhecimento de forma mais prazerosa, rompendo com a aquela metodologia puramente mecânica que termina por tornar a leitura uma mera obrigação.

Desse modo, reforçamos nosso propósito de centrar o conteúdo selecionado para trabalhar com a turma na leitura “dirigida” como estratégia de inserção da temática afro na sala de aula, especificamente na leitura de livros paradidáticos (literatura) voltados para a temática. Assim, de forma prazerosa inserimos o conteúdo da História e Cultura Afrobrasileira relacionando-o ao conteúdo programático planejado de modo a permitir que os alunos passassem a conhecer o espaço geográfico, a história da África e a diversidade de povos que lá vivem e os seus mitos, as religiões, as etnias, as vestimentas e os adereços usados e confeccionados, para posteriormente mostrarmos que o povo brasileiro era herdeiro dessa cultura e como estes povos influenciaram nossa forma de ser, nossa identidade, culinária, danças, músicas, modos de vestir e se relacionar.

Para colocar em prática as atividades planejadas selecionamos uma serie de livros paradidáticos (literatura infantil-juvenil) de temática africana e um texto de um livro didático. O material selecionado nos forneceu o suporte para trabalhar com a turma a história da África e do Brasil de influência africana, as questões do preconceito e o racismo contra as crianças negras. Os livros selecionados foram os seguintes: “**Nina África**” (autora: Lenice Gomes), do qual utilizamos o conto: “*O casamento do filho do vento*”, que discute a questão do preconceito entre os africanos em decorrência das diferenças existentes entre dois grupos étnicos que tornava a amizade entre um menino (Ventinho) e uma menina (Nakati) inviável. E o livro traz ainda uma outra questão fundamental: a questão do preconceito em relação as brincadeiras de menino e menina, já que Nakati adorava jogar bola e isto não era brincadeira de menina.

O outro livro do qual utilizamos apenas um pequeno “trecho”, foi **“Nó na garganta”** (autora Mirna Pinsky). O livro conta a história de uma menina negra (Tânia) que se muda (com os pais) para uma praia e passa a ser vítima de preconceito racial por parte dos novos colegas de escola. A autora trata de muitas questões do cotidiano que são aparentemente inocentes mas que revelam uma carga muito grande de preconceito, por exemplo: certo dia quando Tânia estava praia com os amigos ouviu de um deles que a sua pele era tão escura que não precisava usar protetor solar.

Como fonte de apoio para elaborar as atividades e preparar as aulas e os slides utilizamos o livro: **“A África está em nós – História e Cultura Afro-Brasileira”**, para o Ensino Fundamental I, Livro 1 (autores diversos). Também utilizamos três livros paradidáticos da **Coleção Africanidades**, a saber: **“A influência africana no nosso idioma”**, **“Culinária Afro-Brasileira”** e a **“A história dos africanos no Brasil”** (autores: Antonio J. Dias Filho e Marcia Honorato). Os pequenos textos tratavam sobre a história e as práticas culturais dos africanos e como estas nos influenciaram.

E para fazermos a “ponte” com o conteúdo que a professora estava trabalhando com a turma para a “Mostra Pedagógica”, cujo tema era a exploração do trabalho infantil, utilizamos alguns documentos para falarmos sobre a proibição do trabalho infantil e também dos direitos que eles têm na sociedade, a saber: “Constituição Federal Brasileira” (1988), “Estatuto da Criança e do Adolescente” (1990) e da “Declaração dos Direito das Crianças” (1959).

Nos diversos encontros procuramos desenvolver as atividades planejadas no projeto aliando-as ao conteúdo programático planejado pela professora. A partir do uso da literatura voltada para o público infanto-juvenil e dos contos africanos sobre a temática em questão fomos inserindo o conteúdo sobre a História e Cultura Africana e Afrobrasileira. A partir dessa metodologia procuramos promover o conhecimento e a valorização das manifestações culturais herdadas dos africanos e ao mesmo tempo incentivar o hábito e o gosto pela leitura nos alunos.

O trabalho desenvolvido nessa turma nos permitiu entender as dificuldades encontradas pelos professores para inserção da temática e o quanto adequar metodologias e práticas para facilitar o processo dessa temática no seu cotidiano e se faz necessário. Ao utilizarmos a literatura como recurso estratégico de leitura, acreditamos que o uso das histórias sobre a África e o Brasil Afro, tratados de uma forma lúdica, ajudariam o aluno a perceber melhor o mundo no qual estava inserido.

Assim, as atividades do projeto foram desenvolvidas ao longo de quatro semanas, serão apresentadas a seguir. Foram realizados 05 (cinco) encontros, sendo um encontro

semanal – todas as quintas-feiras das 01h00 às 03h00min, da hora da entrada até o intervalo. No caso, o dia/horário reservados para as aulas de História.

1º Encontro – 14 de novembro de 2013

Neste dia ocorreu o primeiro contato com turma. Iniciei me apresentado falando o meu nome, a razão pela qual estava ali e qual era o meu objetivo na escola. Falei sobre os nossos futuros encontros, o que iríamos fazer e que estes se dariam nas quintas-feiras. Depois, mediada por uma dinâmica de “conhecimento” realizamos uma rodada de apresentação da turma, aproveitando a ocasião para colher o máximo de informações sobre os mesmos.

Terminada esse momento, apliquei uma sondagem com intuito de conhecermos o nível de maturidade da leitura e a fim de identificar quais eram os tipos de textos que costumavam e preferiam ler – para a partir daí, definimos com quais gêneros textuais iríamos trabalhar com os mesmos. Da conversa com a professora responsável pela turma já sabia que na turma havia um índice muito elevado de alunos “desnivelados”, alunos idade entre os 09 (nove) e 15 (quinze) anos de idade.³Na sondagem as perguntas, que deveriam ser respondidas por escrito, estavam voltadas para obtenção dos dados pessoais e fundamentalmente, averiguar a relação deles com a leitura e o nível em que se encontravam, perguntamos: Você gosta de ler? O que você gosta de ler? Para você a leitura é importante?

Em relação ao interesse deles pela leitura constatamos que eles gostavam de ler, mas que a maioria apresentava dificuldade para escrever. Constatamos também que por parte da escola há interesse em incentivar a prática da leitura e da escrita. Em uma conversa informal a professora relatou que “*quando pegou a turma no início do ano eles não gostavam de ler*”. Afirmou ter sido necessário fazer um trabalho diferenciado voltado para leitura: trazia livros para serem lidos coletivamente. De acordo com a mesma, a metodologia ajudou a despertar o gosto da turma pela leitura. Lamentou o fato de possivelmente não estar com eles no ano seguinte para continuar o trabalho, isso mostrou o interesse por parte da professora para com a sua turma e com a aprendizagem dos mesmos. Inclusive mostrou um jornal produzido pelos alunos da escola que continha textos de dois alunos da turma que versavam sobre o tema “*exploração do trabalho infantil*”. A mesma ao apresentar o jornal demonstrou orgulho.

³Com o passar dos encontros descobrimos que algumas crianças trabalhavam para ajudar suas famílias. Informação confirmada a medida que começamos a tratar sobre a “*exploração do trabalho infantil*”. Algumas crianças afirmaram que trabalhavam e que muitos não tinham tempo sequer de realizar a tarefa de casa por não ter em tempo durante a parte da manhã.

Após o término da sondagem, comecei a discutir o assunto que professora tinha me pedido para trazer a fim de “unir” nosso projeto ao conteúdo que estava sendo trabalhado com os alunos. Para tanto, associei o projeto da escola, voltado para o eixo temático “valores” – com ênfase na questão da “**Exploração do trabalho infantil**”, a situação das crianças negras e como essas historicamente sofreram explorações e onde ocorriam esses trabalhos. Começamos perguntando para as crianças: **O que conheciam sobre a exploração do trabalho infantil? Em relação às crianças negras? E onde ocorria mais esse trabalho?**

A seguir realizamos a primeira atividade: a leitura de um pequeno texto⁴ (em anexo) para iniciar a discussão acerca de qual idade as crianças podem trabalhar e como deve ser esse trabalho. O texto utilizado como suporte para a discussão foi retirado do livro didático: “*De olho no futuro: História – 2º Ano*” (autoras: Thatiane Pinela e Liz Andréia Giaretta) (ver Figura 01). O mesmo aponta quais as leis que foram criadas com o objetivo de acabar com a exploração do trabalho infantil e garantir os direitos das crianças e dos adolescentes e também determinar quais são os direitos que eles têm com base no que está dito sobre o assunto na “*Constituição Federal*” (1988), no “*Estatuto da Criança e do Adolescente*” (1990) e na “*Declaração dos Direitos das Crianças*” (1959).

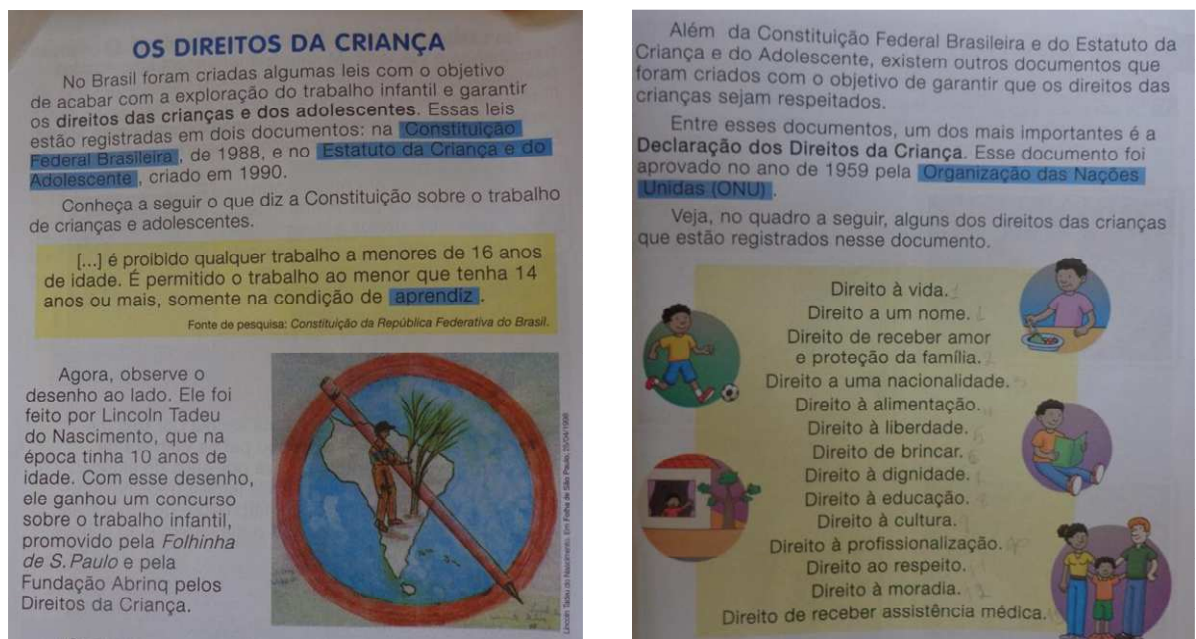


Figura 01: Texto “Os Direitos da Criança”

Fonte: Livro Didático de História: “De olho no futuro” – 2º Ano. p. 102-103.

⁴O texto utilizado (“Os Direitos das Crianças”) está contido nas páginas 102 e 103 do referido livro didático.

A metodologia escolhida para trabalhar o conteúdo dos documentos foi a leitura coletiva, seguida da interpretação oral a partir de indagações e discussão. Assim, fizemos uma leitura coletiva do texto base (“Os Direitos das Crianças”), com os alunos se alternando na leitura dos parágrafos. Em seguida paramos para refletir e discutir sobre o que havia sido lido. Iniciamos a discussão explicando para eles no que consistia a prática de exploração do trabalho infantil, dando exemplos do dia-a-dia deles e questionando se os mesmos conheciam alguém que estava passando por situações semelhantes e como era esse trabalho. Desse modo fomos discutindo a partir de que idade as crianças podem trabalhar e como esse trabalho deveria ser.

A discussão foi acontecendo a partir do conhecimento dos alunos sobre exploração do trabalho infantil e também sobre o tema da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e o que eles consideravam esses tipos de trabalhos, em relação às crianças negras, já que a grande maioria trabalha, e também o que conheciam sobre o assunto. Discutimos também acerca do perigo da exploração da mão de obra infantil, as consequências tanto físicas quando psicológico na vida de qualquer criança sejam brancas ou negras – que representam a maioria dos explorados. Explicamos que a exploração acontece de diversas formas, seja a partir do trabalho doméstico a ajuda prestada aos pais no ambiente de trabalho, passando pelos casos graves de exploração sexual em relação às meninas, a mendicância e a venda de “bugigangas” nos semáforos em relação aos meninos, ao tráfico de drogas, ao trabalho nas minas de carvão por exemplo. Procuramos questioná-los todo o tempo da aula para que pudessem raciocinar sobre o tema estudado, e obtivemos um bom resultado, levando em conta que não tinha ainda nenhum contado com a turma.

O resultado do primeiro encontro foi positivo, pois podemos perceber o envolvimento e o interesse da turma em discutir o assunto. Desde os primeiros momentos da atividade houve um grande interesse por parte dos alunos, talvez pelo fato de não conhecerem os direitos que as crianças têm, o que tornou a aula proveitosa e o trabalho agradável e prazeroso.

2º Encontro – 28 de novembro de 2013

Neste dia chegamos à Escola por volta de 12h45, mas só fomos para sala de aula por volta de 13h00 – após a entrada de todos os alunos. Começamos a aula com uma dinâmica voltada para o tema: “união e respeito à diversidade”. Iniciamos pedindo para as crianças

ficarem em pé, formarem um círculo e pegarem nas mãos. Em seguida deveriam olhar para o colega do lado direito (de cima a baixo), depois, do mesmo modo, olhar para o colega do lado esquerdo. O passo seguinte era abraçar o colega. Objetivo da dinâmica era promover a união do grupo e ajuda-los no desenvolvimento das práticas de afetividade, que por sua vez, contribui para a promoção da aceitação e do respeito ao outro independente das diferenças de cor, idade, religião ou sexo. A turma demonstrou aceitação, recebendo positivamente.

Terminada esta etapa de “confraternização”, iniciamos a aula retomando a discussão sobre a geografia e a história da África numa perspectiva positiva: valorização, reconhecimento.

Do mesmo modo da aula anterior começamos fazendo uma pergunta para turma: **“O que vocês sabem sobre o continente africano?”** As respostas não foram muitas como nós esperávamos, no máximo disseram que na África tinha escravos, negros e desertos. Sem fazer qualquer tipo de comentários acerca das respostas dadas passamos para a etapa seguinte da aula. Para dar suporte a discussão, optamos por exibir um vídeo que abordasse a história e a geografia da África numa perspectiva positiva. O vídeo selecionado foi um disponibilizado na internet (Canal do Youtube), produzido por dois estudantes do ensino médio, intitulava-se: “Breve História da Cultura Africana”. Com um pouco mais de 10 (dez) minutos, o vídeo traz uma excelente síntese valorativa do Continente, do seu povo, sua cultura, história e geografia – enfatizando suas riquezas naturais e culturais.

Após a exibição do vídeo, iniciamos a discussão coletiva. A princípio demonstraram admiração pela “quantidade de coisas” que existia na África e os mesmos não sabiam. Assim, ao longo da aula fomos mostrando o continente africano, sua geografia, sua história e sua importância para a humanidade como o berço da humanidade, da civilização. Falamos sobre a sua extensão territorial, suas riquezas culturais, os monumentos mais importantes do mundo, a exemplo das pirâmides, a faculdade mais antiga e as riquezas naturais, a diversidade de fauna e flora. Os mesmos iam participando, interagindo, participando todo o tempo, demonstrando suas surpresas com o que estavam vendo e questionando se “aquilo tudo” era da África ou influências de lá.

Seguimos a aula falando sobre as formas de organização social e política, dos reis e das riquezas para logo mais introduzimos a discussão sobre o tráfico negreiro, das pessoas capturadas e transportadas para o Brasil. Tratamos também sobre os trabalhos desenvolvidos pelos africanos nas fazendas brasileiras, como eram suas moradias e, muito importante, que os mesmos não eram submissos. Para tanto, falamos sobre suas formas de resistência, suas lutas

e das revoltas. Quando chegamos as parte das resistências e falamos sobre a capoeira como uma das principais “armas” de enfrentamento, os alunos tomaram a palavra afirmaram:

Falou: “(...) *que era uma luta dos negros contra os portugueses*”,

Outro também falou: “*porque os polícias só param os negros?*”.

E também: “*é por isso que os policias param os negros nas ruas*”.

E falou que é: “*que ele vai ser policia para poder parar só os brancos*”.

Pegamos a “deixa” para falarmos sobre as práticas e as formas de preconceito que existem no Brasil até hoje. Aproveitando falamos sobre os heróis negros. Apresentamos **Zumbi dos Palmares** e o apontamos como um dos principais heróis da resistência africana no Brasil. Por coincidência no segundo horário a professora nos informou que também ia trabalhar um pequeno texto sobre Zumbi com a turma.

Para encerrar a aula, retomando a proposta de reconhecimento e valorização das diferenças e da necessidade de respeitar ao outro, trouxéssemos o poema de Emily MacKinnon, intitulado: “Cores” (ver abaixo), contido no livro: “A África está em nós” (Autor: Roberto Benjamin *et al*).

CORES

Emily Mackinnon- EUA

A cor dos meus olhos ou da minha pele
vermelha, amarela, negra ou azul
são só aparência.

Por sua causa não deixe morrer
o que pode existir entre mim e você.

Nem religião, nem idade, nem sexo
ou se tenho dinheiro, se sou instruído.
Nada disso importa, nada tem sentido.

Ouçã o que importa, confie em nós
igualdade, justiça, um mundo sem guerra
e varrer o racismo da face da terra.

Fonte: A África está em nós, p. 9.

Desse modo, a primeira aula voltada para a inserção do conteúdo da História da África e da contribuição dos africanos para a formação da sociedade brasileira foi muito bem recebida pelos alunos e pela professora responsável – todo o tempo presente na aula. O resultado foi positivo a medida que conseguiu despertar o interesse da turma, fazê-los participar da discussão, reformularem a visão equivocada e cheia de lacunas que tinha sobre o Continente africana, seu povo, sua história e sua cultura.

3º Encontro – 05 de dezembro de 2013

Esse encontro aconteceu no segundo horário porque a turma submeteu-se a uma prova no primeiro horário. Como o tempo era muito pouco, optamos por trabalhar pouco conteúdo novo. Desse modo retomamos o assunto da aula anterior mediada por uma conversa informal a fim de verificar o que eles tinham entendido.

Depois, realizamos uma atividade voltada para a sistematização de todo o conteúdo trabalhado, fazendo uma relação com as falas que os mesmos fizeram. Deveriam produzir um pequeno texto falando sobre o que sabiam do Continente africano relativo à história e à geografia: era um país ou continente?; quem eram as pessoas que lá viviam?, etc. Ao mesmo tempo fomos falando sobre a relação que existia entre o Brasil e a África, começando pelo o processo de escravização: como os africanos foram trazidos para o Brasil, meio de transporte utilizado para trazê-los, o que faziam quando chegavam a aqui, como era a moradia, a alimentação, os castigos e outros aspectos que lembrassem ligado a questão.

Nesse encontro podemos observar que os alunos demonstraram muito prazer em realizar as atividades, mesmo que alguns demonstrassem muita dificuldade na produção textual - tendo em vista a dificuldade na escrita, mesmo assim esforçavam-se para realizar sempre todas as atividades. Desse modo, todos os presentes realizaram a atividade solicitada, sendo que alguns ao invés de escreveram e optaram por fazer um desenho.

Para finalizar a aula, fizemos uma leitura coletiva de um poema intitulado: “Eu sou diferente, e você?”, autoria de Mari Barbosa, ver:

*Eu sou diferente, e você?*⁵

Mari Barbosa

No mundo que Deus criou,
As pessoas não são iguais...
Elas são bem diferentes,
Mas todas são especiais!

Tem gente que mora em prédio,
Em cima das nuvens, da até calafrio!
Tem gente que mora no mato,
Nomeidos bichos, na beira do rio.

Tem gente que é branquinha,
Tem gente amarela também...
Tem gente que é vermelha,
Gente negra também tem.

Mas toda esta gente tem no peito,
Um lindo coração a pulsar...
Nos lembrando que mesmo diferentes,
Nós podemos nos amar!

Após a leitura do poema falando das diferenças e da condição de igualdade entre as pessoas, uma das crianças manifestou-se afirmando: “*Então quando a professora for para lá [ÁFRICA] ela sofrerá discriminação*”. Eu perguntei por que, e ele respondeu: “*porque ela é branca e lá [ÁFRICA] só têm negros*”.

Pela fala do aluno podemos perceber que nem todos os alunos alcançaram os objetivos propostos, dentre esses a compreensão de que as diferenças não devem ser vistas numa perspectiva de conflito ou enfrentamento, pois em terra de negros, brancos serão tratados com discriminação. Outros alunos já demonstram melhor entendimento em relação ao que trouxemos para eles até naquele momento.

4º Encontro – 09 de dezembro de 2013⁶

No nosso último encontro iniciou com as despedidas e agradecimentos aos alunos pela contribuição com o nosso projeto. Em seguida aproveitamos para conversamos e apresentar as atividades realizadas na aula passada e as demais realizadas durante a execução do projeto.

Tínhamos combinado com a professora começarmos com uma atividade dividida em duas partes. Antes de mostrarmos o que tínhamos trazido para trabalhar com eles, entregamos uma folha de papel ofício e dividida ao meio. Em uma das partes os alunos deveriam responder a seguinte pergunta: **O que você entende sobre o continente africano?**

⁵Disponível em:

<http://www.pragentemiuda.org/2008/05/poemas-poesias-e-quadrinhas.html#ixzz3XCRZSz7L>

⁶Em decorrência da aplicação das provas do último bimestre e o habitual “aperto” do final do letivo (que se daria no dia 16 de dezembro), o último encontro ocorreu em uma segunda-feira.

O objetivo era verificar o que a turma havia retido sobre o assunto trabalhado. A ideia era fazer uma comparação do antes com o depois das nossas aulas. Levando em conta o que eles colocaram nas atividades realizadas, verificamos que muitos haviam aprendido – a partir daquilo que tinha sido levado para sala de aula. Nesse encontro podemos observar que os alunos demonstraram muito prazer em realizar as atividades. Notamos que alguns apresentaram muita dificuldade em produção textual, mesmo assim, muitos se esforçavam para realizar todas as atividades.

Portanto, pode-se afirmar que o resultado foi positivo, principalmente se levarmos em conta o curto espaço de tempo dedicado à aplicação do projeto. Pois na resposta a segunda pergunta, **Como a África está em nós?**, apareceu o conteúdo trabalhado: a África vista numa perspectiva de valorização do povo. Passando a ver o quanto em nós é influência desses povos que para cá vieram de uma forma tão brutal, mas contribuíram muito na formação da sociedade brasileira, revelando-se nas nossas danças, músicas, artes, comidas, instrumentos. Nas atividades as crianças mostraram que haviam aprendido a conhecer melhor o assunto. Não só sabiam quem eram africanos como conseguiram identificar suas influências na nossa sociedade, superando a visão limitada de que na África só tinham negros, pobreza e doenças.

Foi possível perceber que eles já tinham um amplo conhecimento sobre a história e cultura africana e afrobrasileira só não sabiam identificar que tudo aquilo fazia parte da herança africana para nós como brasileiros.

Para reforçar essa perspectiva de valorização levamos imagens de várias personalidades negras (africanas e afro-brasileiras), consideradas importantes nas mais diversas áreas: na música, na TV, no cinema e nos esportes. Também levamos imagens relativas a beleza negra: modelos de penteados para cabelos de meninos e meninas negros. O intuito era mostrar que os negros também são bonitos. Fechando a discussão relembrando a riqueza da África na fauna, na flora e dos recursos minerais. Para amarrar a questão exibimos um vídeo em duas partes: “Valorização Cultural Afro- Brasileira (Partes 1 e 2)”⁷.

Propusemo-nos a fazer alguns penteados nas meninas na hora do intervalo, mas, só três meninas participaram. Quando voltamos do intervalo fomos fazer um desfile dos penteados, todavia a professora explicou que a turma precisa produzir alguns cartazes para a festa que seria realizada na escola no último dia de aula.

Então, encerramos as atividades do dia e depois distribuimos “balas de nego bom” e uma mensagem de Nelson Mandela (1995) como lembranças: “Ninguém nasce odiando outra

⁷O vídeo foi produzido pelo Prof. Marcio Bordin, Colorado – PR. Disponível no canal Youtube. Contato: e-mail: marciobordin@yahoo.com).

pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

E para finalizar, as meninas pediram para dançar a música ensaiada para as apresentações do dia 20 de novembro, Dia da Consciência negra. Era uma música do cantor Fábio Junior chamada Compromisso (ver letra abaixo):

COMPROMISSO⁸

Fábio Junior

A gente tem um compromisso com a verdade
 Não dá mais pra ficar brincando de viver
 Tô muito a fim da minha verdadeira identidade
 Bateu em mim uma vontade de me conhecer
 Eu sei que a gente tem um compromisso com a vida
 Passa o tempo e a gente não desvenda o seu mistério
 Parece muita ousadia, muita pretensão
 Mas é meu coração que pede, eu tô levando a sério
 Quero saber de onde eu venho
 Quero saber pra onde eu vou
 Não posso passar pela vida sem saber quem sou
 Quero sentir dentro de mim
 Todo universo em ação
 Quero sentir o amor profundo
 Dentro do meu coração.

Foi um momento especial. A forma como a música falava sobre identidade combinava com a proposta de valorização da herança e origem dos nossos antepassados. Assim, perguntamos para a turma. **“Quem aqui se considera negro?”** Toda a turma respondeu: *“Eu!”*

4.3 - O que é possível dizer do que vivenciamos

Durante os 04(quatro) encontros realizados com a turma foi possível fazer uma série de constatações. Os alunos, a princípio tímidos – alguns mais do que outros, foram gradativamente “soltando-se” à medida que colocávamos em prática as atividades mediadas pelo uso de conteúdos e estratégias metodológicas atrativas. Desenvolvidas com base num

⁸Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/fabio-jr/compromisso.html#ixzz3YZ2Kcfdl>

conjunto diversificado de metodologias, utilizamos como material de apoio pedagógico tudo que considerámos atrativo: literatura infantil e infanto-juvenil, poemas, vídeos (documentários/músicas), mapas e outros. A inibição inicial, provavelmente motivada pela mudança, despertou a “vergonha” do trato com pessoas estranhas, foi substituída no final por uma grande interação. Conseguimos envolver todos os alunos que demonstraram muito prazer em terem participado de todas as atividades propostas.

Em relação a escolha da literatura trabalhada em sala de aula, optamos por histórias divertidas e relacionadas ao cotidiano dos alunos – o que possivelmente ajudou a despertar o interesse do grupo. Nos primeiros encontros havíamos percebido que os alunos não tinham muito contato com uma literatura de conteúdo africano e afrobrasileiro, mesmo a escola contando com um grande acervo de livros relacionado ao tema, assim, voltamos a nossa escolha para uma literatura que tratasse sobre a temática proposta, e voltada para efetivação do objetivo da nossa intervenção: o desenvolvimento de metodologias que viabilizasse a implementação da *Lei 10.639/03* nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como o Parecer CNE/CP 03/2004, discute a responsabilidade da escola com a implementação da proposta de educação etnicorracial para a formação de indivíduos com uma nova percepção identitária. Com a nossa intervenção podemos confirmar que a partir do conhecimento da verdadeira história da formação do Brasil se promove o “(...) reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, [e da] diversidade da nação brasileira” (p.10). Em outras palavras: conhecer a história e a cultura ajuda a compreender e valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, e reconhecer a contribuição destas na constituição da identidade brasileira, desenvolver o respeito á diversidade, o combate a discriminação e conseqüentemente a diminuição dos atos de violências contra outros. Por exemplo, ajudaria a turma a entender melhor porque a exploração do trabalho infantil acontece apenas em alguns grupos sociais ou porque a coleguinha chegava à escola sempre suja e com piolhos.

No final da nossa intervenção, foi possível verificar que a turma já havia reformulado seus conceitos sobre a história e a geografia do continente africano que tinham, e no caso, alguns sequer sabiam sobre a África, desconheciam totalmente.

O aspecto mais positivo do projeto foi ter conseguido fazer a ponte entre o conteúdo programático planejado e as questões do cotidiano, por sua vez, relacionadas ao contexto no qual estavam inseridos. Quando discutimos o pequeno texto tratando sobre os “Direitos das Crianças e dos Adolescentes”, fizemos a “ponte” discursiva com a exploração do trabalho

infantil, chamando a atenção do grupo para as conversas de muitas delas, quando falaram sobre suas vidas, afirmaram também trabalhar para ajudar em casa.

Outra questão de fundamental importância foi a verificação afirmativa: o uso da literatura realmente viabilizar, facilita o processo de ensino-aprendizagem, uma forma prazerosa de conhecer até uma dura realidade.

A leitura de contos (infantis e infanto-juvenis) são sempre atraentes para qualquer idade inclusive para crianças e adolescentes, nos diz Cavalcanti, que a “literatura pode servir como ponto mágico do longo percurso a ser realizado por cada um de nós, das histórias de vida que vão se entrecruzar com as histórias coletivas e contar/narrar a história da humanidade” (2002, p.38). E foi nessa perspectiva que buscamos inserir o conteúdo proposto.

Ao selecionar fragmentos dos livros: “*NINA ÁFRICA*” (autoria de Lenice Gomes) e “*NÓ NA GARGANTA*” (autoria de Mirna Pinsky) optamos por histórias que relatam situações do cotidiano, na África e no Brasil, parecidas com as histórias dos alunos da turma: diferenças de valores, crenças, cor da pele, tipo de cabelo. Escolhemos trabalhar com textos que possuísse relevante conteúdo histórico e cultural e que ao mesmo tempo estimulasse a imaginação e a criatividade, trabalhando a desconstrução de comportamento e atitudes de preconceito e discriminação para com o outro (diferente). Através da leitura de textos agradáveis ensinar-aprender a importância de respeitar todos, como posto nos objetivos do PCN vol.10: a consolidação da proposta de educação étnico racial depende da adoção de um conteúdo capaz de promover a valorização e o reconhecimento da diversidade que se tem na sociedade brasileira. Afirmar o documento, é objetivo da educação brasileira:

Valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira; Repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais (BRASIL, 1997, p.43).

Desse modo, a história “O casamento do filho do vento”, abordando os conflitos pessoais gerados pelas diferenças de valores, origem social e crenças, no livro “*NINA ÁFRICA*”, e o fragmento da história da menina negra, Tânia, vítima constante de discriminação e preconceito racial do livro “*NÓ NA GARGANTA*”, nos ajudaram a cumprir as orientações didáticas contidas no documento que define os “*Parâmetros Curriculares Nacionais Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*”: mostrar que conhecer o outro, as diferentes culturas e suas histórias é requisito indispensável a formação de sujeitos capazes de constituírem um mundo baseado no respeito e na valorização da diversidade.

Caberá ao professor mostrar aos seus alunos, a partir de conteúdos e metodologias atrativas, inserir as mais variadas histórias reveladoras dos sentimentos dos grupos/povos, de suas culturas, dos seus hábitos e costumes. Dada à diversidade étnica da população escolar o professor deverá fazer escolhas de atividades para o trabalho em sala de aula que representem a variedade de experiências sociais e culturais presentes na mesma. Por exemplo, poderá trabalhar com contos, um texto/narrativa curto, que geralmente podem ser lidos em grupo, trazer essas temáticas e refletir com a turma. Que foi o que nos procuramos fazer. A leitura coletiva, dialogada e reflexiva ajudará a compreender melhor o conteúdo e a partilhar compreensões e as experiências do grupo.

Também temos como alternativa a possibilidade de inserir a temática a partir do trabalho cotidiano com a literatura infantil ou infanto-juvenil, gêneros literários de grande responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens, fundamental instrumento de formação. Outro recurso didático que também utilizamos e foi muito bem recebido pelo grupo. Percebemos que a identificação com narrativas próximas de sua realidade e com personagens que vivem problemáticas semelhantes as suas leva a criança e/ou adolescente a reelaborar e refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica.

Sendo assim, se a literatura pode ser vista como elemento formador e transformador de situações conflituosas, ela pode apresentar-se como um ícone para abordar temas complexos como racismos, preconceitos e discriminações no cotidiano escolar. Por isso, é importante a percepção de nós professores para a questão da representação do negro frente à literatura escolhida.

Observamos que os textos escolhidos facilitaram a compreensão das atividades planejadas e resultaram em uma aprendizagem significativa, visto ter criado a oportunidade para que a leitura acontecesse de forma prazerosa. A partir da leitura, a criança e/ou adolescente se deparar com uma ficção que simula sua realidade, o texto traz um mundo semelhante ao mundo real. Como aquele texto é fruto da imaginação de alguém, “irreal”, o leitor se sente mais a vontade para discutir sobre o mesmo. Assim, como está dito nos PCNs de Língua Portuguesa:

(...) a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes. Essa pode ser a única oportunidade dos alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na

sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. (BRASIL, 1997, p. 55).

A leitura é importante na vida das crianças porque consiste especialmente em ser a forma de motivação verdadeira e um acompanhamento estimulante ao desenvolvimento do educando. O ato de ler promove o desenvolvimento de atitudes, além da aquisição de conhecimentos e habilidades, leva o aluno a conviver com livros e gradativamente relacionar a visão própria do mesmo interior o conhecimento prévio de lugares e pessoas provocando como uma nova dimensão a própria existência.

De acordo com Paulo Freire (1997), nós precisamos deixar de trabalhar a leitura como simples processo de memorização e passar a desenvolver uma proposta crítica, reflexiva e criativa, levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos para permitir ao sujeito que, por meio da leitura de mundo e da palavra, este possa ir continuamente transformando sua consciência:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1997, p. 11-20).

Ler o mundo é mais do que decodificar a palavra escrita, requer ato crítico e inteligente. Para compreender o texto é necessário que haja uma relação entre o leitor e o contexto no qual estão inseridos. A partir da leitura podemos explorar atividades como: a leitura coletiva e individual, interpretação, produção textual individual e outras que podem ser desenvolvidas. No nosso caso, devido o tempo que foi muito pouco, trabalhamos poucas estratégias de leitura.

Trabalhar a literatura infanto-juvenil, com conteúdo de base afrobrasileira, “*Nó na Garganta*”, foi de suma importância para consolidar o objetivo pretendíamos: findar as práticas e as atitudes de preconceito e racismo presentes na sala de aula, a medida que costumavam chamar uns aos outros de negrinhos— diga-se de passagem, prática que ainda é muito comum nas escolas. Como os alunos ainda não conheciam as literaturas afro, no início demonstraram um pouco de receio em relação a tudo que estávamos trazendo, mas depois aceitaram e passaram a se reconhecer nas histórias, inclusive passando a perceber eu aquelas atitudes e práticas não eram unicamente deles e do contexto que estavam inseridos. Portanto,

conseguimos colocar em prática o que orienta a Resolução nº 1, de 17 Junho de 2004, no inciso 1º do 2º Artigo:

A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto á pluralidade étnico-racial, tornado-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira(p.31).

Aos poucos mostramos para eles a importância de se conhecer as riquezas culturais, religiosa e social da África, dos seus costumes, valores a partir do exercício de recriação da imagem do continente. A partir dos textos e conteúdos de história e geografia da África trabalhados de uma perspectiva positiva, mostramos que “A África está em nós”, seja como algo de pertencimento próprio, seja como herança histórico-cultural, para além da nossa genética. Desse modo, mostramos para a turma que tratar o conteúdo relativo a história e cultura africana e afrobrasileira não pode se restringir as datas comemorativas, como todos estavam acostumados a estudar. Precisa sim ser trabalhado em todos os componentes curriculares (história, geografia, português, matemática, artes e outros), pois nele está contido os aspectos e questões importantes para a formação e a construção da “identidade ajustada” das nossas crianças e adolescentes.

Em linhas gerais, a intervenção pedagógica teve bons resultados, visto os objetivos terem sido alcançados, tanto no que se referia à aprendizagem quanto à socialização, sem contar a boa repercussão com a turma trabalhada. Assim, as histórias infanto-juvenis quando utilizadas de maneira correta e adequada, pode ser um recurso facilitador do processo ensino-aprendizagem, à medida que envolve as diversas áreas e disciplinas e estimula os alunos a leitura.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR A DISCUSSÃO

A partir da intervenção podemos observar que existem formas alternativas de tornar a leitura prazerosa e sem cobranças pedagógicas para o desenvolvimento da criança. Assim, cabe aos professores criarem oportunidade, para que a leitura dos textos literários aconteça sempre de maneira prazerosa e positiva, não apenas como leitura obrigatória e imposta, cheias de regras, obtendo-se assim melhores resultados no aprendizado. Que seria esta uma das estratégias de incluir no currículo da escola o ensino do conteúdo de história e a cultura africana e afrobrasileira a partir da literatura temática, construindo a partir do processo de ensino-aprendizagem para desenvolver nas crianças o sentido de pertença identitária negra de valorativa.

Portanto, com a intervenção realizada, verificamos que é possível desenvolver um trabalho significativo voltado para a temática, pois como sabemos existe sim literaturas que trabalham esta temática.

Verificamos que os conteúdos podem sim serem trabalhados a partir dos textos literários. Sem contar, que no caso da história e cultura africana e afrobrasileira tão desvalorizadas em nosso país, pode-se promover a (re)valorização mediante a apresentação da sua contribuição não só na formação da sociedade brasileira como também nas demais áreas: artes, danças, música e em todas as nossas manifestações culturais.

A literatura africana e afrobrasileira, se usada de forma comprometida, pode sim viabilizar a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas agregados no seio da sociedade brasileira desde a chegada dos primeiros africanos para cá trazidos à força e escravizados. Pode sim ser uma grande aliada no despertar da subjetividade da criança na formação da identidade etnicorracial, na valorização da cultura negra e de combate ao racismo, que desde pequeno já começam a serem reproduzidas por meios de comportamentos e atitudes racistas, geralmente, vistos pelos profissionais que atuam na escola como brincadeiras inocentes. Como nos diz Cavalcanti,

A escola não pode ser salvaguarda dos estereótipos impostos por uma sociedade marcada pela desvalorização do ser. Ao contrário disso, a escola tem que promover a criatividade, estimular a capacidade de sentir e refletir, produzir saber e conhecimento que sirvam para a organização de uma sociedade mais equilibrada (CAVALCANTI, 2002, p.80).

Com isso, consideramos o uso da literatura como uma proposta de metodologia bastante relevante, pois a mesma é capaz de tratar de todo conteúdo necessário de forma prazerosa e satisfatória por parte dos alunos, envolvendo-os de uma forma que cada um deles passe a aprender por prazer e não apenas por obrigação.

Ao propomos, isso fazemos necessário que busque cada vez mais uma maior atualização referente aos textos literários e as metodologias, encontrar a melhor forma de tratar os textos literários em sala de aula.

Neste contexto verificamos que é possível desenvolver um trabalho significativo voltado para a temática, pois como sabemos existe sim livros que trabalham esta temática, basta o interesse dos professores em inserirem este conteúdo nas suas aulas e um desses conteúdos são a arte africana que traz a história e a cultura de um povo desvalorizado, diante da sua contribuição nas artes plásticas, danças, literaturas, como em todas as suas manifestações culturais.

Portanto, a diversidade das culturas africanas é um conteúdo que deve ser estimulado nas instituições de ensino como caminho para evitar conceitos homogeneizantes e redutores que terminam por qualificar a cultura africana como excêntrica, enxergando, assim, a arte como subsídio para a construção de novos conceitos.

A escolha da literatura infanto-juvenil como recurso para tratar a temática afro nos possibilitou confirmar como a metodologia cotidiana, aliada a leitura desse tipo de textos pode facilitar a inserção da história e cultura africana e afrobrasileira medida e tornar o processo ensino-aprendizagem muito mais prazeroso. Além de promover e desenvolver o gosto pela leitura, incentivando a sensibilidade e a criatividade das crianças-leitoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República do Brasil**. 36 edição Atualizada e Ampliada. São Paulo: Saraiva 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Secretaria Especial de políticas de Promoção de Igualdade Racial/MEC, 2004.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade cultural/Orientação sexual**. 3ª edição. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1997. Volume 10.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1997. Volume 2.

_____. **Regulamentação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da História e Cultura Indígena**. Conselho Estadual de Educação. João Pessoa. 2010.

_____. Resolução 08/2010. Campina Grande. 2010.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítica-compreensiva – artigo a artigo**. 16ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.P. 9-10

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. _São Paulo: Paulus, 2002. _ (pedagogia e educação).

FREIRA, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completa - 43. Ed.** – São Paulo, Cortez, 1997.

GODRIGUES, Lília de Oliveira, SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa, PEREIRA, CríginaCibelle e Bessa, José Cezinaldo. **Investigações pedagógicas: reflexões sobre experiências educativas** (Orgs.),_____In. **Contaçon e Recontaçon de Histórias nas Atividades de Leitura: estratégias vivenciadas no projeto “BALE”**: Mossoró: Edições UERN, 2011.

HERMIDA, Jorge Fernando. **Educação Infantil: política e fundamental**. (organizar). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza, BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida e MOTA, Marinalva de Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**._____In. **O livro literário na educação infantil ressignificando na prática pedagógica**. (Organizadoras). – Campina Grande: EDUEPB, 2009.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO PEDAGÓGICO

BENJAMIM, Roberto (*et al*). **A África está em nós** – História e Cultura Afro-Brasileira. Ensino Fundamental I - Livro 1. João Pessoa: Grafset, 2006.

DIAS FILHO, Antonio J.; HONORA, Marcia. **A influência africana no nosso idioma**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Africanidades).

_____. **Culinária Afro-Brasileira**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Africanidades).

_____. **A história dos africanos no Brasil**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Africanidades).

GOMES, Lenice; HOLANDA, Arlene; GOMES, Clayson. **Nina África – Contos de uma África para ninar gente de todas as idades**. São Paulo: Elementar, 2009.

PINELA, Thatiane; GIARETTA, Liz Andréia. **De olho no Futuro: História** –2º Ano. São Paulo: Quinteto Editorial, 2008. (Coleção de olho no futuro).

PINSKY, Mirna. **Nó na garganta**. 47ª edição. São Paulo: Atual, 1991. (Serie Conte outra vez).

APÊNDICE A

PROJETO DE INTERVENÇÃO

TEMA: Literatura Infanto-Juvenil e a valorização da identidade negra

1. APRESENTAÇÃO

Esta proposta de trabalho objetiva desenvolver um conjunto de práticas pedagógicas para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela professora Cristiane Maria Nepomuceno. Para tanto, a escolha foi por uma instituição pública de ensino que apresentasse abertura e interesse para trabalhar a etnicorracial, nesse caso específico a Escola Municipal Maria Cândida de Oliveira. Para colocar em prática o Projeto e as atividades pensadas foram selecionados alguns textos literários, músicas e vídeos que viabilizassem a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, assim como permitissem promover o desenvolvimento do gosto pela leitura, incentivando a sensibilidade e a criatividade das crianças-leitoras.

A Literatura Infanto-Juvenil tem um papel relevante não apenas por propiciar a um determinado público leitor (crianças) o universo das letras, mas, sobretudo, por lhes permitir desvelar diferentes realidades que, certamente, estarão presentes em suas respectivas formações intelectuais e psíquicas.

2. JUSTIFICATIVA

A Literatura Infanto-Juvenil como instrumento de valorização da identidade negra e para contribuição da implementação da Lei 10.639/03 através de Mostras Pedagógicas desenvolvidas naquela instituição de ensino. Que de acordo com pesquisas feitas com professores desta mesma rede de ensino, esta proposta de Implementação desta Lei se torna inviável por causa das dificuldades encontradas em obter material didático ou paradidático voltado para temática, formação adequada e interesse por parte dos demais profissionais. A finalidade desse projeto é mostrar como é possível desenvolver esta temática a partir da literatura infantil de eventos como “Mostra Pedagógica” e também oferecer mais informações sobre o mesmo, para que outros profissionais da educação tome conhecimento deste trabalho desenvolvido nesta escola, funcionando como uma fonte de pesquisa, buscando entender como se dará o processo para facilitar a aplicação dessa temática no seu cotidiano e conseqüentemente na sua prática pedagógica.

A escola precisa mostrar outros tipos de culturas, pois os alunos devem conhecer a diversidade existente, para poder entender e respeitar as diferenças. Pois ela faz parte do cotidiano escolar e social de cada um. Que a partir das Literaturas apresentadas, eles possam perceber que existem outros tipos de literatura, e não só os clássicos até então trabalhados em sala de aula. Mais que também existe as literaturas africanas, que permitirá a eles conhecer outras realidades como: o espaço geográfico, a história de outros povos, sua identidade, sua culinária, as danças, as músicas, os

mitos, as religiões, as etnias, as vestimentas e os adereços usados e confeccionados por outros povos.

3. OBJETIVOS

3.1 - GERAL

Divulgar a história do povo africano através da literatura infanto-juvenil e como ela pode contribuir no processo da formação e da valorização da identidade negra da criança.

3.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o gênero literário conto africanos;
- Conhecer outras realidades de outros continentes;
- Mostrar que existem diferentes histórias, além dos clássicos europeus;
- Promover o acesso a essas novas informações através dos contos africanos, por meio de livros didáticos e paradidáticos, revistas e vídeos;
- Identificar outras culturas presentes em outros lugares, a partir do conto africano;
- Interagir com diferentes grupos, etnias e crenças, relacionando-se de forma prazerosa;
- Possibilitar o acesso ao conhecimento do espaço geográfico do continente africano por meio de mapas;
- Mostrar a influência que o povo africano nos promove no nosso cotidiano.

4. CONTEÚDOS

História

- A diáspora africana;
- Herança africana no Brasil.

Geografia

- Espaço geográfico;
- Clima e vegetação Agricultura (alimentos cultivados).

5. PÚBLICO ALVO

Anos: 4º ano.

Tempo estimado:05 aulas.

6. METODOLOGIA

Planejamento - atividades por encontro)

1º Encontro- Discussão inicial - Tema: “Direitos da criança e do Adolescente”

- Apresentar o “Projeto” e apresentar (reconhecimento) da turma;
- Aplicar uma sondagem para conhecer o nível do domínio de leitura;
- Trabalhar os “Direitos da Criança” com base nos textos dos seguintes documentos: Declaração dos Direitos das Crianças (1959), Constituição Federal Brasileira (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Texto suporte: “De olho no futuro” retirado do livro didático: História – 2º Ano” (autoras: Thatiane Pinela e Liz Andréia Giaretta).

2º Encontro- Tema: “O que vocês sabem sobre o continente africano?”

- Introduzir uma discussão inicial sobre a história e a geografia da África. Iniciar realizando um levantamento prévio com os alunos para saber qual o nível de conhecimento deles em relação ao Continente africano.
- Exibir o vídeo: “Breve histórico da cultura africana” – Produzido por Marcos Vinicius de Moraes e Lucas N. Baggio em 23/11/2009).
- Encerrar a discussão sobre valorização das diferenças e o respeito ao outro trabalhando o poema de Emily MacKinnon, intitulado: “Cores”, contido no livro: “A África está em nós” (Autor: Roberto Benjaminet *et al*).

3º Encontro - Tema: “A relação entre o Brasil e a África?”

- Retomar a discussão do 2º encontro para fundamentar a aula atual;
- Introduzir a discussão sobre o processo de escravização: como os africanos foram trazidos, meio de transporte utilizado, a chegada, o trabalho, a moradia, a alimentação, os castigos e outros aspectos que lembrem ligado a questão;

Depois da produção textual, em individuais discutir de tudo que já tinha visto. Mostrando o que sabem sobre o continente africano e explicando as influências que os brasileiros têm de lá;

4º Encontro - Tema: “A África está em nós.”

- Introduzir conteúdo de promoção da valorização da cultura africana na formação da sociedade brasileira;
- Apresentar slides aos alunos falando sobre as contribuições africanas para o povo do Brasil;

Suporte: vídeo: “Valorização Cultural Afro-Brasileira - Partes 1 e 2” (Edição: Prof. Marcio Bordin, Colorado-PR, e-mail: marciobordin@yahoo.com);

Culminância:

- Realizar apresentação do “produto final”: desfile das meninas com penteados africanos feitos na própria sala de aula.
- Apresentação de um número de dança e/ou música.

7. RECURSOS UTILIZADOS

- ✓ Data show;
- ✓ O livro (A África está em nós livro1 Ensino Fundamental);
- ✓ Quadro;
- ✓ Jogo Heróis de todo mundo (A cor da Cultura).

8. AVALIAÇÃO

A avaliação ocorre durante todo o projeto através da observação da interação, envolvimento e participação dos alunos.

9. CRONOGRAMA

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	PERÍODO: MÊS/DIA						
	OUTUBRO		NOVEMBRO			DEZEMBRO	
	16	24	07	14	28	09	09
Contatar a Direção da Escola para apresentação da proposta de trabalho.	X						
Entregar os documentos solicitados: cartas de apresentação da coordenação do Curso Pedagogia e a autorização para realização da pesquisa concedida pela SEDUC referente ao TCC.		X					
Realizar reunião com a professora responsável pela turma (4º ano B – Tarde) para acordos necessários.		X					
1º Encontro			X				
2º Encontro				X			
3º Encontro					X		
4º Encontro						X	

10. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara Benjamin. A África está em nós: História e Cultura Afro-Brasileira. João Pessoa: Ed. Grafset, 2004.

DIAS, Antonio Filho Jonas Dias e Márcia Honora. A história dos africanos no Brasil: São Paulo, 2010.

_____. In A influencia africana no nosso idioma: São Paulo, 2010.

_____. In Culinária afro—brasileira: São Paulo, 2010.

Vídeos de Apoio (Internet):

MORAES, Marcos Vinicius; BAGGIO; Luccas N. (Produtores). Vídeio: Breve História da Cultura Africana. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA Tempo: 10h37min -1ª Parte. Publicado em 23/11/2009. Capturado em 23 de outubro de 2013.

[Http://www.sohistoria.com.br](http://www.sohistoria.com.br).

<https://www.google.com.br>.

<http://www.youtube.com/watch?v=IOUC0Envbyc>.

http://www.youtube.com/watch?v=g_1stGv51qQ.